



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM ARQUEOLOGIA

UM BARCO ESQUECIDO NA PRAIA: ARQUEOLOGIA E SIMBOLOGIA DO
BARCO DA GALILEIA

Jane Viana Almeida de Carvalho

LARANJEIRAS

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO
EM ARQUEOLOGIA

UM BARCO ESQUECIDO NA PRAIA: ARQUEOLOGIA E SIMBOLOGIA DO
BARCO DA GALILEIA

Jane Viana Almeida de Carvalho

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito
parcial para o Exame de Qualificação de
Mestrado em Arqueologia, pela Universidade
Federal de Sergipe.

Orientador: Profº Drº Gilson Rambelli

Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior-
CAPES.

LARANJEIRAS

2017

JANE VIANA ALMEIDA DE CARVALHO

**UM BARCO ESQUECIDO NA PRAIA: ARQUEOLOGIA E SIMBOLOGIA DO
BARCO DA GALILEIA**

Aprovação_____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Profº Drº Gilson Rambelli (Orientador)- DAR/UFS

Profº Dra Daniela Klokler- DAR/UFS

Dra Lorena Gomes Garcia

“Porque Dele e por Ele e para Ele são todas as coisas; Glória, pois a Ele eternamente”.

Rm 11:36

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Grande Amigo de todas as horas que me sustentou ao longo desta jornada.

A Agência Financiadora: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES, não apenas pela bolsa, mas por tudo que ela me proporcionou: as viagens acadêmicas, os Congressos, os livros adquiridos e pela realização de um sonho, da minha primeira Habilitação.

Ao meu Grande (em todos os sentidos) Orientador Gilson Rambelli! Pelo carinho, paciência, preocupação, por toda orientação, aprendizado, mas acima de tudo, por segurar minha mão nesta reta final, quando o desanimo bateu forte!

Aos professores do curso, Daniela Klokler, Leandro Duran, Paulo Bava e Peline pelos textos e considerações extremamente importantes para a realização deste trabalho.

A Carol Murta pelos textos e direcionamento na pesquisa sobre o simbolismo.

As minhas “Meninas da Sub”, Cristiane Amarante e Beatriz Bandeira pelo companheirismo e aprendizado.

As minhas amigas de sempre e para sempre, Luana Silva, Marcia Melo e Layra Blenda.

A melhor turma de Mestrado da UFS, turma de 2015! Em especial aos amigos Gustavo Cabral, Aline Rios, Nina e Ingrid pela “força tarefa” no final desta jornada.

Aos meus pais, irmão, sobrinho e esposo pelo apoio nas horas difíceis e perdão por tantas ausências.

Ao meu afilhado, meu eterno baixinho Walesson pela formatação do meu trabalho e por resolver minhas broncas tecnológicas, mas acima de tudo por me apoiar, incentivar e pelo cuidado e preocupação com a “Dinda”.

Ao primo, irmão Wesley, pelo incentivo e aprendizado tecnológico.

A todos os amigos, familiares e colegas de profissão que de uma forma ou de outra me ajudaram na realização deste trabalho.

*“No teu barco da vida, Quantos portos de partida? Quantos portos de chegada?
Quantas guerras travadas? Quantos rumos desviados! E quantos reencontrados!*

(Autor desconhecido)

RESUMO

O presente trabalho buscou desenvolver uma discussão sobre o barco da Galileia. Descoberto em 1986, às margens do lago da Galileia, e datado do primeiro século D.C.. Representa a primeira informação de embarcações deste período decorrente da cultura material, pois até então, o tema estava presente somente nos textos bíblicos do Novo Testamento. Desta forma, o achado permitiu uma discussão simbólica sobre elementos presentes nas narrativas religiosas por apresentarem significados diferentes.

Neste contexto, procuramos iniciar uma análise arqueológica e simbólica deste barco, enquanto artefato náutico, buscando compreender quais as diferentes simbologias que o envolvem.

Palavras-chave: Teorias do Imaginário, Arqueologia de Ambientes Aquáticos, Simbologia de barcos.

ABSTRACT

The present work sought to develop a discussion about the Galilean ship. Discovered in 1986, on the shores of Lake Galilee, and dating to the first century D.C. It represents the first information of vessels from this period arising from material culture, for until then, the theme was present only in the biblical texts of the New Testament. In this way, the finding allowed a symbolic discussion about elements present in religious narratives because they presented different meanings. In this context, we seek to initiate an archaeological and symbolic analysis of this boat as nautical artefact, seeking to understand the different symbolologies that surround it.

Keywords: Theories of the Imaginary, Archeology of Aquatic Environments, Boat Symbology.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 Peixe um dos símbolos mais antigos do cristianismo. Imagem disponível em Blog: Ponto de evangelização.	21
Figura 2: Imagens do sonar de varredura lateral, utilizado nas pesquisas do Mar da Galileia. Imagem disponível em: The International Journal of Nautical Archaeology 2013.	24
Figura 3: Estrutura circular de pedras de basalto submersa no Mar da Galileia. Imagem disponível em: The International Journal of Nautical Archaeology 2013.	24
Figura 4: Escavação do barco da Galileia. Arqueólogos retirando sedimentos. Imagem disponível em: Revista Desperta!, 2006.....	27
Figura 5: Pote cerâmica de utilizado para uso doméstico, encontrado ao lado do barco.	29
Figura 6 Desenho arqueológico do pote cerâmica, utilizado para uso doméstico, encontrado ao lado do barco. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”-	29
Figura 7 Lamparina de óleo encontrada dentro do casco da embarcação. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.	30
Figura 8: Desenho arqueológico da lamparina de óleo encontrada dentro do casco da embarcação. Fonte Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.....	30
Figura 9: O barco da Galileia envolvido na substancia chamada polietano. Imagem disponível em: http://www.geocities.ws/paz_israel/peter.htm	31
Figura 10: O barco da Galileia refluando depois de dois mil anos. Imagem disponível em: Revista Desperta!, 2006.....	31
Figura 11: Desenho do barco da Galileia. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.....	32
Figura 12: Barco da Galileia com 8,2 metros de comprimento, com boca de 2,3 metros de largura e 1,2 metros de profundidade Imagem disponível https://expedicaobiblica.blogspot.com.br	33
Figura 13: Modelo de construção de barco utilizando a técnica Skeleton-first. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.	35
Figura 14: Modelo de construção de barco utilizando a técnica Shell-first. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.....	36
Figura 15: Taboado fixado por meio do sistema entalhe-mecha-cavilha c. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.....	36
Figura 16: Desenho transversal da quilha do barco da Galileia. Nota-se a fixação do taboado verticalmente na superfície horizontal da quilha. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.	37
Figura 17: Junção das tábuas por meio do sistema entalhe-mecha-cavilha. Imagem disponível no livro “ <i>The Sea of Gallilee Boat</i> ”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.....	38
Figura 18: Quadro representativo da parábola do mendigo Lázaro e o homem rico.	63
Figura 19: Figura representativa do barco Holandês Voador. Fonte: curiososnomundo.blogspot.com	68
Figura 20: Navio Mortuário de Queops. Fonte: cronai.wordpress.com	74
Figura 21: Foto da escavação em Oseberg, 1904, a inumação Vikings mais famosa. Fonte: www.museudeimagens.com.br	75

Figura 22: Imagem representativa do texto de Lucas, capítulo cinco . Imagem disponível em: https://wol.jw.org .	78
Figura 23: Barco da Galileia em exposição no museu do Kibutz de Ginosar. Imagem disponível em: https://gloria.tv/ .	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - A PROA.....	11
CAPÍTULO 1- NAS ÁGUAS DA GALILEIA.....	14
CAPÍTULO 1.1 – SOB VÁRIOS AFLUENTES.....	41
CAPITULO 2 - AJUSTANDO O CURSO.	51
CAPITULO 2.1 - MERGULHANDO FUNDO, PROFUNDO.	60
CAPITULO 2.2 – EM ÁGUAS MISTERIOSAS.	66
CAPÍTULO 3 - UM BARCO ESQUECIDO NA PRAIA. ESQUECIDO?.....	70
CAPÍTULO 3.1 – UM BARCO, DA GALILEIA.....	76
CAPÍTULO 3.2 - A MEIA NAU.	81
CONSIDERAÇÕES FINAIS - A POPA.	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	90

INTRODUÇÃO - A PROA.

“-Não tens medo?

- Medo de quê?

- De fazer uma viagem até ao fundo do mar.

[...] Sei que a vida toda a gente sonha fazer uma grande viagem.

A esse território submerso e desconhecido. O sítio onde repousam todos aqueles que se perderam na Travessia ou no Tempo”. (Cardoso, 2009)

A temática de Ambientes Aquáticos é pouco explorada nas pesquisas arqueológicas, mesmo diante do fato de que parte do planeta é composto por água. A água possui significados materiais e imaginários, o que varia em cada sociedade e nos contextos históricos culturais. Existe uma dificuldade na Arqueologia em lidar com a relação entre o “homem e o meio aquático” (RAMBELLI, 2016). No entanto, “não é possível imaginar a história da humanidade sem os barcos, navios e os marinheiros!” Praticamente tudo o que foi construído pela humanidade, em algum momento foi transportado por um barco e por este motivo, não se pode estudar o passado, de forma coerente, sem compreender os meios de transportes marítimos (BASS, 2006).

Estudar o imaginário, o ideológico, assim como o tema náutico, não é uma tarefa fácil principalmente na Arqueologia, onde o tudo, o que é visto e medido é a “verdade”. São poucos os trabalhos que exploram o tema náutico através do simbolismo, ignorando o fato de que uma embarcação fornece muito mais do que métodos e técnicas de construção naval. O estudo da embarcação pode revelar as necessidades marítimas e aspirações da sociedade além da ideologia expressa na tradição náutica (ADAMS, 2001).

Barcos fazem parte das narrativas bíblicas. Em 1986 o lago da Galileia expôs uma relíquia náutica. Dois jovens, filhos de pescadores locais, caminhavam pela praia do lago, na margem ocidental, quando observaram os contornos de uma estrutura de madeira enterrada na lama. Especialistas do Departamento de Antiguidades foram chamados para analisar o achado confirmando que se tratava de uma embarcação. Ela representa a primeira informação de embarcações deste período decorrente da cultura material, pois até então, o tema estava presente somente nos textos bíblicos. Ao analisar o barco da Galileia é importante ressaltar que ele faz parte de um cenário religioso e dessa forma

faz se necessário compreender quais simbologias o envolvem e que sentidos são incorporados.

Neste contexto, procuramos iniciar uma análise arqueológica e simbólica deste barco, enquanto artefato náutico, buscando compreender quais as diferentes simbologias que o envolvem, ressaltando a importância do Ideológico e Simbólico no trabalho arqueológico. Consiste em uma continuação da minha pesquisa de monografia. Estudando sobre esta embarcação, eu senti a necessidade fazer uma análise simbólica.

O que me motivou a navegar em águas misteriosas foi o fascínio pela temática dos elementos barco, água e simbolismo, além das histórias das grandes navegações. Cansei de olhar o barco e me preocupar apenas com a técnica naval. Eu precisava compreender os símbolos, a ideologia da sociedade e as tradições náuticas. Se os objetos tem uma vida social, o que existe entre a proa e a popa do barco da Galileia?

Este não é um tema muito explorado na arqueologia, como já mencionado, principalmente no que se refere ao Brasil e por isso, parte da base teórica que sustentaram este trabalho vem de outros portos, como a antropologia, sociologia e filosofia. Dessa forma o objetivo principal desse trabalho é entender os sentidos que são incorporados ao barco da Galileia.

Em busca de respostas, trouxe a bordo autores que trabalham com simbolismo como Gaston Bachelard, Gilbert Durand, Carl Gustav Jung, Chris Tilley e Janet Hoskins. Foi necessário fazer uma análise da sociedade da época, assim como entender o processo de formação da Galileia e quais rituais e ideologias se faziam presentes. Como o barco de certa forma envolve o judaísmo e cristianismo, buscamos compreender o que ele significava nesses dois contextos.

No primeiro capítulo, que chamado de Nas Águas da Galileia, apresentaremos o Lago da Galileia em termos de geografia e pesquisas. Abordaremos os simbolismos bíblicos associados ao ambiente aquático, seguidos de uma apresentação da escavação do barco da Galileia. Buscaremos compreender também como se formou a Galileia em termos culturais e simbólicos.

No segundo capítulo, Ajustando o curso, faremos um histórico de como iniciou o estudo de símbolos e do inconsciente, ressaltando a importância da temática para a pesquisa arqueológica. Contextualizaremos como é formado o simbolismo principalmente no que se refere ao ambiente aquático. Dessa forma, baseados nos

conceitos dos autores Micea, Jung, Diegues e Bachelar, buscaremos justificar e embasar teoricamente esta pesquisa.

No terceiro capítulo, que chamamos de Um barco esquecido na praia, analisaremos como barcos são construídos simbolicamente? Quais as divindades e mitos estão presentes na construção? Enfatizaremos a importância da Arqueologia Náutica e do Simbolismo, fazendo uma análise arqueologia e simbólica do barco da Galileia, seguido pela técnica naval.

Por fim, nas Considerações finais, chamada de A Popa, amarraremos todos os nós náuticos presentes neste trabalho, compreendendo os simbolismos que envolvem o barco da Galileia, trazendo mais uma contribuição para a Arqueologia brasileira e ressaltando o tema náutico, a relação homem e Ambiente Aquático e importância do simbolismo na pesquisa arqueológica. Pois por maior que seja a tormenta da arqueologia nas águas do simbolismo e no mar bíblico, “navegar é preciso”, na verdade, “navegar nessas águas” é mais que preciso (Minuzzi, 2014), é possível!

CAPÍTULO 1- NAS ÁGUAS DA GALILEIA.

*Cada barco que singra, que ganha o oceano,
tem em Deus seu destino, é vácuo, é vão.
É luz de estrela, sem rumo, sem plano,
é nau que transporta a cor da emoção.
Cada barco, um segredo, um mistério, procura,
A própria loucura que a mente lapida.
Tracejar seu destino, sua volta, é tortura,
é do mar, é do vento, seu caminho é da vida.*

Catarina Maul

É interessante pensar no Mar da Galileia como um “Mar” quando na verdade trata-se de um lago. Segundo ¹Wachsmann (2000), Arqueólogo responsável pela escavação do barco da Galileia e responsável pela herança náutica de Israel, em fontes bíblicas e talmúdicas o lago é chamado de Yam uma palavra hebraica para definir mar. Este termo foi usado por nossos antepassados para descrever grandes e pequenos corpos de água.

Por este motivo, principalmente para o europeu, o lago ficou conhecido como Mar da Galileia, mencionado no Novo Testamento pela primeira vez no livro de Mateus, quando diz: “Andando a beira do mar da Galileia, Jesus viu dois irmãos, Simão, chamado Pedro, e seu irmão André. Eles estavam lançando redes ao mar, pois eram pescadores” (Mateus 4:18) e também no texto: “Jesus saiu dali e foi para a beira do mar da Galileia. Depois subiu a um monte e se assentou” (Mateus 15:29).

¹ **Shelley Wachsmann** – Arqueólogo responsável pela escavação do barco da Galileia. Wachsmann. Foi Inspetor de Antiguidades Subaquáticas no Departamento de Antiguidades e Museus de Israel. Durante esse tempo ele foi diretamente responsável pela herança náutica de Israel. Realizou numerosos levantamentos arqueológicos submarinos e escavações no Mediterrâneo, Mar Vermelho e Mar da Galileia. Publicou o livro que usamos como base neste trabalho: “The Sea of Gallilee Boat”- pela Texas A&M University Presst. É exatamente com esta obra de Wachsmann que iremos dialogar ao longo desta dissertação.

Como Mar de Tiberíades, foi mencionado no Novo Testamento, onde diz que: "Então alguns barcos de Tiberíades aproximaram-se do lugar onde o povo tinha comido o pão após o Senhor ter dado graças" (Jo 6:23) e no texto: "Depois disso Jesus apareceu novamente aos seus discípulos, à margem do mar de Tiberíades" (Jo 21:1). Como Lago de Genesaré, surge no Evangelho de Lucas, onde é mencionado que: "Certo dia Jesus estava perto do lago de Genesaré, e uma multidão o comprimia de todos os lados para ouvir a palavra de Deus" (Lc 5:1).

O nome Kinneret, também associado ao lago, deriva do hebraico Kinor (no grego escrito como Quinerete) um instrumento musical lírico. Segundo a tradição o lago teria a forma desse instrumento. Porém, pode derivar do Kinnara, uma fruta produzida pela árvore cujos espinhos, segundo a tradição, teriam sido usados para fazer a coroa de espinhos colocada no Jesus histórico (WACHSMANN, 2000: 39,40). Em textos bíblicos, este nome para lago é mencionado no livro de números, no Antigo Testamento, que diz: "A fronteira descera de Sefã até Ribla, no lado oriental de Aim, e prosseguirá ao longo das encostas a leste do mar de Quinerete" (Nm 34:11).

Mas acredito que a ideia de mar não venha apenas destas explicações. É possível que a definição seja parte de um conjunto que envolve o tamanho do lago, as fortes tempestades que o deixam tão instável semelhante ao mar oceânico e o fato de que para, alguns moradores da região naquela época, o lago poderia ser a única representação de "Mar" que se conhecia. Vale ressaltar que o lago da Galileia esta conectado com o rio Jordão e o Mar Morto, que também é um lago. Atualmente, a palavra "Lago da Galileia" soa estranha para nós ocidentais, principalmente no cristianismo. É como se o "Mar da Galileia" fosse um representativo de "poder e grandeza", uma metáfora da vida que não seria definida por um simples lago.

O lago da Galileia é marcante Novo Testamento no que se refere as histórias que envolvem o Jesus histórico, desenvolvidas no lago e praias ao redor. Rituais, metáforas e histórias do Novo Testamento estão repletas por um contexto marítimo presente na cosmologia cristã. O desenvolvimento do cristianismo se deu por caminhos marítimos. Paulo de Tarso, personagem dos textos bíblicos que passou de soldado romano para um discípulo do Jesus histórico viajou pela Ásia e Europa propagando o evangelho. Ele relata, no livro de Atos, a experiência de um naufrágio em uma destas viagens:

“... E, partindo dali, fomos navegando abaixo de Chipre, porque os ventos eram contrários. E, tendo atravessado o mar, ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mirra, na Lícia. E, achando ali o centurião um navio de Alexandria, que navegava para a Itália, nos fez embarcar nele. E, como por muitos dias navegássemos vagorosamente, havendo chegado apenas defronte de Cnido, não nos permitindo o vento ir mais adiante, navegamos abaixo de Creta, junto de Salmone. E, consteando-a dificilmente, chegamos a um lugar chamando Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséia. E, passado muito tempo, e sendo já perigosa a navegação, pois, também o jejum já tinha passado, Paulo os admoestava Dizendo-lhes: Senhores vejo que a navegação há de ser incômoda, e com muito dano, não só para o navio e carga, mas também para as nossas vidas. Mas o centurião acreditava mais no piloto e no mestre, do que no que dizia Paulo. E, como aquele porto não era cômodo para invernar, os mais deles foram de parecer que se partissem dali para ver se podiam chegar a Fenice, que é um porto de Creta que olha para o lado do vento da África e do Coro, e invernar ali. E, soprando o sul brandamente, lhes pareceu terem já o que desejavam e, fazendo-se de vela, foram de muito perto costeando Creta. Mas não muito depois deu nela um pé de vento, chamado Euro-aquilão. E, sendo o navio arrebatado, e não podendo navegar contra o vento, dando de mão a tudo, nos deixamos ir à toa. E, correndo abaixo de uma pequena ilha chamada Clauda, apenas pudemos ganhar o batel. E, levado este para cima, usaram de todos os meios, cingindo o navio; e, temendo darem à costa na Sirte, amainadas as velas, assim foram à toa. E, andando nós agitados por uma veemente tempestade, no dia seguinte aliviaram o navio. E ao terceiro dia nós mesmos, com as nossas próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio. E, não aparecendo, havia já muitos dias, nem sol nem estrelas, e caindo sobre nós uma não pequena tempestade, fugiu-nos toda a esperança de nos salvarmos. E, havendo já muito que não se comia, então Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: “Fora, na verdade, razoável, ó senhores, ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incômodo e esta perda. Mas agora vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. Porque esta mesma noite o anjo de Deus, de quem eu sou, e a quem sirvo, esteve comigo, dizendo: Paulo, não temas; importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo. Portanto, ó senhores, tende bom ânimo; porque creio em Deus, que há de acontecer assim como a mim me foi dito. É, contudo necessário irmos dar numa ilha”. E, quando chegou a décima quarta noite, sendo impelidos de um e outro lado no mar Adriático, lá pela meia-noite suspeitaram os marinheiros

que estavam próximos de alguma terra. E lançando o prumo, acharam vinte braças; e, passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças. E temendo ir dar em alguns rochedos, lançaram da popa quatro âncoras, desejando que viesse o dia. Procurando, porém, os marinheiros fugir do navio, e tendo já deitado o batel ao mar, como que querendo lançar as âncoras pela proa. Disse Paulo ao centurião e aos soldados: “Se estes não ficarem no navio, não podereis salvar-vos”. Então os soldados cortaram os cabos do batel, e o deixaram cair. E, entretanto que o dia vinha, Paulo exortava a todos a que comessem alguma coisa, dizendo: “É já hoje o décimo quarto dia que esperais, e permaneceis sem comer, não havendo provado nada. Portanto, exorto-vos a que comais alguma coisa, pois é para a vossa saúde; porque nem um cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós”. E, havendo dito isto, tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos; e, partindo-o, começou a comer. E, tendo já todos bom ânimo, puseram-se também a comer. E éramos ao todo, no navio, duzentas e setenta e seis almas. E, refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar. E sendo já dia, não conheceram a terra; enxergaram, porém, uma enseada que tinha praia, e consultaram-se sobre se deveriam encalhar nela o navio. E levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela maior ao vento, dirigiram-se para a praia. Dando, porém, num lugar de dois mares, encalharam ali o navio; e, fixa a proa, ficou imóvel, mas a popa abria-se com a força das ondas. Então a ideia dos soldados foi que matassem os presos para que nenhum fugisse, escapando a nado. Mas o centurião, querendo salvar a Paulo, lhes estorvou este intento; e mandou que os que pudessem nadar se lançassem primeiro ao mar, e se salvassem em terra. E os demais, uns em tábuas e outros em coisas do navio. E assim aconteceu que todos chegaram à terra a salvo” **(Atos 27:1-44).**

Paulo de Tarso tinha conhecimento sobre o mar e região a ponto de tentar aconselhar o Mestre da embarcação. Mas, no entanto, podemos notar que elementos como um mar revolto, barco, angustia e as intervenções de uma divindade estão presentes neste relato semelhante a outras história do Novo Testamento. O barco é semelhante a vida, atravessando grandes tempestades, naufrágios, levado por bons ou maus ventos. Mais uma vez o cristianismo está envolvido diretamente com o ambiente aquático, um percurso feito pela maritimidade e não por meio terrestre o que explica o reino de Deus comparado a uma rede de pesca, discípulos de o Jesus histórico ser pescadores e o símbolo do cristianismo um peixe. Já no judaísmo o contexto é agrícola: ovelhas, pastores, plantação

de vinhas, metáforas para explicar o Deus de Israel e sua providencia com seus seguidores. É importante compreender qual o contexto em que o barco da Galileia estava inserido e como ele vai afetar diretamente na história do cristianismo séculos depois. Cada barco carrega suas histórias, portanto buscaremos compreender quais histórias compõem esta embarcação e como o cristianismo absorveu este contexto aquático.

Mas voltando ao Lago da Galileia, o próprio nome “Galileia” deriva do hebraico *galil*, que significa anel, círculo. A região é um planalto rodeado por planícies, exceto na parte norte, sendo que no passado fez parte do Império Romano, governada por Herodes. Atualmente pertence ao território de Israel sendo a principal fonte de água potável, abrigando uma variedade de comunidades étnicas (ALMEIDA, 2014:34). Ele tem aproximadamente 21 km de comprimento por 11 km de largura, formado por água doce em uma depressão de 212 metros abaixo do nível do mar. O rio Jordão atravessa o lago do norte para o sul e devido à profundidade do vale e o fato de ser cercado por colinas é bem comum, desde o período bíblico, ocorrerem tempestades súbitas e perturbações atmosféricas.

Ao redor do lago, nas planícies e praias, se formaram as cidades e vilarejos citada no relato bíblico: Corazin, Magdala, Cafarnaum, Tiberíades, Genesaré e Betsaide. Destas cidades, duas tem nomes associados a pesca: Magdala, que significa atividade de salgar o peixe e Betsaide, casa do peixe (BIBLIA ARQUEOLÓGICA, NVI, 2013). A forma mais comum de transitar entre as cidades era através dos barcos, que navegavam de um lado a outro. Ao redor do lago foram encontrados 17 portos e ancoradouros, um demonstrativo da intensa movimentação no lago.

A associação das cidades com peixe indica a importância da pesca para a comunidade. Segundo FREYNE, 2008, além dos evangelhos, outras fontes literárias reforçam essa teoria, como os escritos de Flávio Josefo², soldado e historiador judeu que viveu no primeiro século. Ele diz que no lago existia uma diversidade em espécies de peixe, com aparência e gosto bem diferentes dos peixes encontrados em outras regiões

² **Flávio Josefo** é um autor bem conhecido de quem trabalha com Arqueologia Bíblica e da região. Ele foi um historiador e apologista judaico-romano, descendente de uma linhagem de importantes [sacerdotes](#) e [reis](#), que registrou *in loco* a [destruição de Jerusalém](#), em [70 d.C.](#), pelas tropas do [imperador romano Vespasiano](#), comandadas por seu filho [Tito](#), futuro imperador. As obras de Josefo fornecem um importante panorama do [judaísmo](#) no século I.

próximas (FREYNE, 2008). A pesca é uma tradição da região que se perpetua até os nossos dias.

No entanto esta não era a única fonte de economia no século I, eles exportavam cereais e azeite de oliveira (BIBLIA ARQUEOLÓGICA, NVI, 2013). No Novo Testamento, livro de Lucas, capítulo cinco é descrito a atividade de pesca como sendo abundante,

“...Certa vez, quando a multidão apertava Jesus para ouvir a palavra de Deus, ele estava junto ao lago de Genezaré e viu dois barcos junto à praia do lago; mas os pescadores haviam descido deles, e estavam lavando as redes. Entrando ele num dos barcos, que era o de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e, sentando-se, ensinava do barco as multidões. Quando acabou de falar, disse a Simão: Faze-te ao largo e lança as vossas redes para a pesca. Ao que disse Simão: Mestre, trabalhamos a noite toda, e nada apanhamos; mas, sobre tua palavra, lançarei as redes. Feito isto, apanharam uma grande quantidade de peixes, de modo que as redes se rompiam. Acenaram então aos companheiros que estavam no outro barco, para virem ajudá-los. Eles, pois, vieram, e encheram ambos os barcos, de maneira tal que quase iam a pique” (Lucas 5:1-7).

Pescavam com redes e tarrafas lançadas dos barcos ou de arpão, geralmente a noite, em pequenas embarcações e durante o dia, na praia com redes de arrasto. A atividade de pesca está associada simbolicamente ao “Reino dos Céus”. É a forma figurativa do julgamento divino contra indivíduos e as nações. As redes de pesca seriam o “Reino de Deus” e os discípulos do Jesus histórico, os “pescadores”, não de peixes, mas de homens. O Jesus histórico conhecia a linguagem do “homem do mar” e foi exatamente esta afinidade que permitiu que aqueles pescadores criassem um vínculo de amizade com ele.

Representações culturais da água variam segundo a cultura, religião e ambiente onde foram desenvolvidas (DIEGUES, 2007:1). O conceito de Diegues pode explicar a associação simbólica da pescaria e o reino de Deus, pois o cristianismo surge nesse cenário de pesca, trazendo dessa forma alguns desses elementos para rituais presentes até os dias atuais.

Por questões ideológicas, nem todos os peixes eram consumidos pelos judeus daquela época, assim como atualmente. Eles separavam os peixes na beira da praia e

aqueles considerados inapropriados e impuros eram descartados. Esta atividade foi usada pelo Jesus histórico para explicar o “julgamento divino” quando é dito que:

“... Igualmente, o reino dos céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, e que apanhou toda espécie de peixes. E, quando cheia, puxaram-na para a praia; e, sentando-se, puseram os bons em cestos; os ruins, porém, lançaram fora. Assim será no fim do mundo: sairão os anjos, e separarão os maus dentre os justos e lançá-los-ão na fornalha de fogo; ali haverá choro e ranger de dentes” (Mateus 13: 47-50).

Estas metáforas facilitavam a compreensão do lado simbólico, um exemplo típico do cotidiano daquela sociedade como forma de explicação. No entanto as metáforas eram adaptadas de acordo com o público, como por exemplo a parábola do semeador,

No mesmo dia, tendo Jesus saído de casa, sentou-se à beira do mar, e reuniram-se a ele grandes multidões, de modo que entrou num barco, e se sentou; e todo o povo estava em pé na praia. E falou-lhes muitas coisas por parábolas, dizendo: Eis que o semeador saiu a semear. E quando semeava, uma parte da semente caiu à beira do caminho, e vieram as aves e comeram. E outra parte caiu em lugares pedregosos, onde não havia muita terra: e logo nasceu, porque não tinha terra profunda, mas, saindo o sol, queimou-se e, por não ter raiz, secou-se. E outra caiu entre espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram. Mas outra caiu em boa terra, e dava fruto, um a cem, outro a sessenta e outro a trinta por um. Quem tem ouvidos, ouça. E chegando-se a ele os discípulos, perguntaram-lhe: Por que lhes falas por parábolas? Respondeu-lhes Jesus: Porque a vós é dado conhecer os mistérios do reino dos céus, mas a eles não lhes é dado; pois ao que tem, dar-se-lhe-á, e terá em abundância; mas ao que não tem, até aquilo que tem lhe será tirado. Por isso lhes falo por parábolas; porque eles, vendo, não vêem; e ouvindo, não ouvem nem entendem. E neles se cumpre a profecia de Isaías, que diz: Ouvindo, ouvireis, e de maneira alguma entenderéis; e, vendo, vereis, e de maneira alguma perceberéis. Porque o coração deste povo se endureceu, e com os ouvidos ouviram tardamente, e fecharam os olhos, para que não vejam com os olhos, nem ouçam com os ouvidos, nem entendam com o coração, nem se convertam, e eu os cure. Mas bem-aventurados os vossos olhos, porque vêem, e os vossos ouvidos, porque ouvem (Mateus 13:1-16).

No entanto, mesmo sendo uma explicação para um provável grupo de agricultores, o ambiente aquático ainda se faz presente, pois é dito que o Jesus histórico estava na praia do lago da Galileia e falava com a multidão usando um barco como púlpito.

Outro ponto a ser destacado é o fato de que o peixe é um dos símbolos mais antigos do cristianismo. “Derivado da palavra grega IXΘΥΣ (Figura 1), que significa peixe sendo cada primeira letra, as iniciais da frase Jesus Cristo, Filho De Deus, Salvador” (GONZÁLEZ, 1995).



Figura 1 Peixe um dos símbolos mais antigos do cristianismo. Imagem disponível em Blog: Ponto de evangelização.

O peixe é considerado, assim como o pão, um alimento sagrado, parte da ceia do Senhor, pois no cristianismo, precisamente no período da quaresma, recomenda-se aos seguidores o consumo de peixe e a abstinência da carne. Possivelmente esta seja uma forma de crucificar a “carne” e suas paixões conforme o texto de Gálatas quando é dito que:

“...Digo, porém: Andai pelo Espírito, e não haveis de cumprir a cobiça da carne. Porque a carne luta contra o Espírito, e o Espírito contra a carne; e estes se opõem um ao outro, para que não façais o que quereis. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais debaixo da lei. Ora, as obras da carne são manifestas, as quais são: a prostituição, a impureza, a lascívia, a idolatria, a feitiçaria, as inimizades, as contendas, os ciúmes, as iras, as facções, as dissensões, os partidos, as invejas, as bebedices, as orgias, e coisas semelhantes a estas, contra as quais vos previno, como já antes vos preveni, que os que tais coisas praticam não herdarão o reino de Deus. Mas o fruto do Espírito é: o amor, o gozo, a paz, a longanimidade, a benignidade, a bondade, a fidelidade, a mansidão, o domínio próprio; contra estas coisas não há lei. E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne com as suas paixões e concupiscências. Se vivemos pelo Espírito, andemos também pelo Espírito. Não nos tornemos vangloriosos, provocando-nos uns aos outros, invejando-nos uns aos outros (Gl 5:16-23).

Peixes, no Novo Testamento, fizeram parte do milagre da multiplicação, a providencia divina que alimentou a multidão:

“Ora, quando o dia começava a declinar, aproximando-se os doze, disseram-lhe: Despede a multidão, para que, indos às aldeias e aos sítios em redor se hospedem, e achem o que comer; porque aqui estamos em lugar deserto. Mas ele lhes disse: Dai-lhes vós de comer. Responderam eles: Não temos senão cinco pães e dois peixes; salvo se nós formos comprar comida para todo este povo. Pois eram cerca de cinco mil homens. Então disse a seus discípulos: Fazei-os reclinar-se em grupos de cerca de cinquenta cada um. Assim o fizeram, mandando que todos se reclinassem. E tomando Jesus os cinco pães e os dois peixes, e olhando para o céu, os abençoou e partiu, e os entregava aos seus discípulos para os porem diante da multidão. Todos, pois, comeram e se fartaram; e foram levantados, do que lhes sobejou, doze cestos de pedaços (*Lc 9: 12-17*).

Outras associações simbólicas são feitas ao peixe. Durand, por exemplo, associa o nascimento do Jesus histórico ao termo “*ichthus*”, onde é dito que Jesus é o pequeno peixe engolido pela “Virgem Maria”, tomado diretamente da fonte, ligando assim o tema peixe à feminilidade materna. O peixe pequeno é um grão por excelência, considerado um feto. A “matriz da mulher é conhecida como um segundo charco no qual o peixe é posto” (DURAND 2002: 216-217). Mais uma vez nota-se que cada cultura tem sua explicação do mito e do que é considerado sagrado.

No entanto, na mesma região, no período helenístico-cristão, a baleia simboliza aquele que disfarça e engana. Suas mandíbulas seriam portões abertos para o outro mundo e seu ventre o próprio inferno (RAMOS, 2005). Semelhante analogia pode ser vista na história de Jonas, no Antigo Testamento, que diz:

“Então levantaram a Jonas, e o lançaram ao mar; e cessou o mar da sua fúria. Temeram, pois, os homens ao Senhor com grande temor; e ofereceram sacrifícios ao Senhor, e fizeram votos. Então o Senhor deparou um grande peixe, para que tragasse a Jonas; e esteve Jonas três dias e três noites nas entranhas do peixe (capítulo 1: 1-17) E orou Jonas ao Senhor, seu Deus, lá das entranhas do peixe e disse: Na minha angústia clamei ao senhor, e ele me respondeu; do ventre do Seol gritei, e tu ouviste a minha voz. Pois me lançaste no profundo, no coração dos mares, e a corrente das águas me cercou; todas as tuas ondas e as tuas vagas passaram por cima de mim. E eu disse: Lançado estou de diante dos teus olhos; como tornarei a olhar para o teu santo templo? As águas me cercaram até a alma, o abismo me rodeou, e as algas se enrolaram na minha cabeça. Eu desci até os fundamentos dos montes; a terra encerrou-me para sempre com os seus ferrolhos; mas tu, Senhor meu Deus, fizeste subir da cova a minha vida. Quando dentro de mim

desfalecia a minha alma, eu me lembrei do Senhor; e entrou a ti a minha oração, no teu santo templo. Os que se apegam aos vãos ídolos afastam de si a misericórdia. Mas eu te oferecerei sacrifício com a voz de ação de graças; o que votei pagarei. Ao Senhor pertence a salvação. Falou, pois, o Senhor ao peixe, e o peixe vomitou a Jonas na terra” (Jonas 2:1-10).

Neste exemplo, o profeta foi engolido por um grande peixe, sendo esse sinônimo de sepultura e morte, mas também de salvação e vida pois o protegeu dos perigos do mar revolto. No período medieval, o grande peixe é um ser diabólico que seduz suas presas com cheiro adocicado, atraindo-as para a morte. Na mitologia Indiana a baleia é Matsya Avatara, um grande peixe que salva a barca de Manu, o pai dos homens e a própria encarnação de Vishnu. Na Babilônia, Derceto era a deusa do mar, conhecida como a Baleia de Der. Ela é a Mãe mítica, rainha de Semiramis, fundadora da cidade, que criou também os famosos jardins suspensos da Babilônia (RAMOS, 2005). Como a Galileia passou por extensos períodos de ocupação por povos de diferentes culturas, acredito que a associação do peixe ao cristianismo derive também de povos anteriores ao século I, ou seja, uma tradição que permaneceu e modificou-se a cada geração, concebida de diferentes formas em cada grupo social.

Apesar do simbólico o peixe como já mencionado era parte da economia da região. No lago da Galileia, foram encontrados cercos de peixe as margens, construídos com pedra de basalto e seixos empilhados com a finalidade de atrair os peixes. Essas estruturas antigas são bem conhecidas pela população, pois estão presentes por toda parte inclusive submersos. Recentemente foi encontrado com o uso de um sonar de varredura lateral (Figuras 2) uma dessas estruturas em pedra de basalto submersa, com o formato tradicional de um cone (Figuras 3), por onde os peixes seguiam até serem aprisionados.

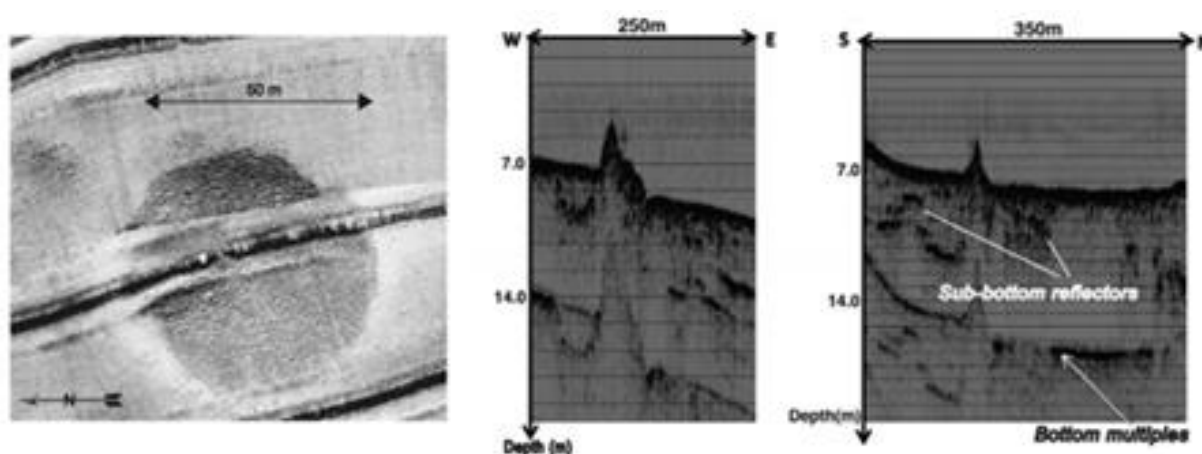


Figura 2: Imagens do sonar de varredura lateral, utilizado nas pesquisas do Mar da Galileia. Imagem disponível em: *The International Journal of Nautical Archaeology* 2013.

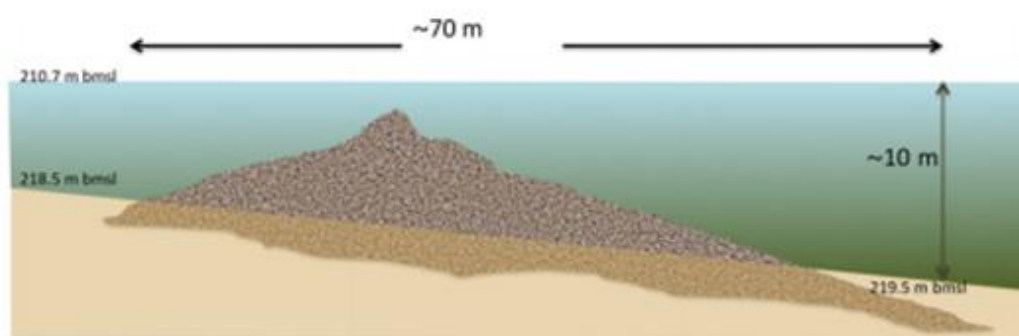


Figura 3: Estrutura circular de pedras de basalto submersa no Mar da Galileia. Imagem disponível em: *The International Journal of Nautical Archaeology* 2013.

Segundo pesquisadores, seria uma espécie de viveiro de peixe, o que ainda não foi comprovado por uma pesquisa arqueológica sistemática. Ao redor do lago, foram identificados cerca de 14 portos e atracadouros o que atestam a intensa movimentação de barcos nos tempos antigos assim como acontece atualmente (The International Journal of Nautical Archaeology, 2013). Quanto a isso, Wachsmann afirma que,

“Below us lay the lake lightly sprinkled with fishing boats and tourist ships, wick in the distance appeared minute. The view from Tel

³ Tradução Nossa: "Abaixo de nós, está o lago, levemente espalhado, com barcos de pesca e navios turísticos, que na distância apareceram minuciosos. A vista de Tel Kinnarot foi magnífica. O Kinnarot estava vivo com atividade, enquanto ao redor dele alguém podia ver as evidências de agricultura intensiva. "Como deveria ser diferentemente o olhar, não há muito tempo", fiquei pensando

Kinnarot was magnificent. The Kinnarot was alive with activity, while all around her one could see evidence of intensive agriculture. "How different it must have looked not so long ago". I thought to myself" (WACHSMANN, 2000: 41).

Para Wachsmann mar estava vivo e permanecia vivo e ativo por gerações! No passado, foi pano de fundo para os ensinamentos de um carpinteiro itinerante que inspirou uma das três principais religiões do mundo. Porém foi campo de batalha dos judeus contra o Império Romano. Assim como barcos carregam várias histórias, lago faz parte destas histórias, tornando parte e cenário delas. E como bem colocado por Wachsmann dia, esse pequeno copo de água cedeu um dos seus tesouros: uma embarcação do primeiro século.

Foi em 1986 que o do Mar da Galileia resolveu expor essa relíquia enterrada na praia. Após um recuo das águas, consequência de um longo período de estiagem, lugares que até então estavam encobertos foram expostos. Wachsmann relata em seu livro “The Se of Galilee Boat”, publicado no ano de 1995, todo o processo da escavação, análise do material e restauração do barco. A obra é um verdadeiro diário de bordo, escrita de forma poética e literária, onde o autor estabelece um diálogo com o objeto de pesquisa. Ele narra cada detalhe da escavação, minuciosamente e o leitor percebe em cada palavra o prazer que o autor teve na realização desse trabalho e da satisfação que ele teve, pelo envolvimento da comunidade com artefato encontrado. A importância do barco para a população não cristã deve-se ao fato de ser um achado simbólico para o local. O Kibbutz de Ginosar forneceu o material necessário para o início da escavação, mesmo antes do material do Departamento de Antiguidades chegarem (WACHSMANN, 2000: 27). Os jovens Moshele e Yuvi filhos de pescadores locais, caminhavam pela praia ao sul do ⁴Kibutz de Ginnosar, margem ocidental do lago, entre a antiga Magdala e Cafarnaum, na busca por artefatos arqueológicos, prática comum na região. Eles observaram os

⁴ **Kibutz** são comunidades agrícolas, muito produtivas, que realizam reuniões e plenárias próprias para decidir questões comunitárias e compartilham produtos entre si. O movimento de Kibutz teve início no final do século XX, quando um grupo de jovens do leste europeu decidiram unir o comprometimento, igualitarismo, amor a natureza e trabalho no campo com a crença do sionismo, movimento político que com a mesma filosofia, crença e ideais, visa agrupar forças no trabalho para o fortalecimento do Estado de Israel.

contornos de uma estrutura de madeira enterrada na lama. Especialistas do Departamento de Antiguidades foram chamados para analisar o achado confirmando que se tratava de uma embarcação. A partir de então, iniciou-se um longo processo de recuperação e restauração do barco antes que o nível das águas o cobrisse novamente (SILVA, 2008: 161,162). Vale ressaltar que a população do Kibutz são judeus. Sendo assim, a descoberta do barco é importante para eles por fazer parte da história da região não por fatos narrados no Novo Testamento. Como já mencionado anteriormente, cada grupo social concebe locais e objetos de formas diferentes.

Curioso é que os moradores locais praticamente adotaram o barco desde o início da descoberta e o se envolveram com a pesquisa. Além de proteger o barco, membros do Kibbutz doaram seu tempo e habilidades, inclusive enviando especialistas na área para ajudar. Waschmann, arqueólogo responsável pela escavação, diz que eles enchiam sacos de areia, preparavam alimentos e se surgisse algum problema, estavam sempre dispostos a ajudar. Se materializavam do nada! Isso não é um fato muito comum na arqueologia, pois histórias horríveis de artefatos inestimáveis e insubstituíveis que desapareceram ou foram destruídos por caçadores de tesouros é bem frequente, principalmente no que se refere a sítios de naufrágios (WACHSMANN, 2000: 27-62).

Foi construído um dique no local para facilitar os trabalhos e impedir que a água inundasse a área da escavação. A equipe utilizou bombas para a retirada de toda água do local da embarcação, mas com o cuidado de manter a estrutura sempre molhada (Figura 4) enquanto a lama era removida do casco, pois foi exatamente a lama que o protegeu das bactérias e da deterioração (SILVA, 2008: 161,162).



Figura 4: Escavação do barco da Galileia. Arqueólogos retirando sedimentos. Imagem disponível em: Revista Desperta!, 2006

A conservação do material nos sítios de Ambientes Aquáticos é boa, principalmente quando está submerso. Dos sítios de ambientes aquáticos, Rambelli ressalta que,

“Constituem um tipo de “achado fechado” protegido com cronologia determinada e abundancia de artefatos de todos os tipos. O estudo sistemático desses elementos em seu contexto proporciona um contato direto com técnicas de construção naval, pois cada embarcação é praticamente única em seu gênero, concepção e natureza; com a história econômica daquele período (carga e rota de comércio); e com cotidiano da pessoas que tripulavam a embarcação, pois boa parte da vida cotidiana se reflete nos objetos encontrados a bordo. Nesse contexto, podemos considerar uma embarcação, sobretudo um navio de travessias transoceânicas como um microcosmo social, que reproduz com fidelidade o modelo de uma pequena comunidade, mantendo os mesmos traços culturais de sua origem. Ela representa uma verdadeira amostra do passado, compreendendo todas as espécies de objetos habitualmente utilizados no curso de determinado período” (Rambelli, 2002:41-42)

Neste sentido, o barco da Galileia esta inserido em dois tipos de sítio de ambientes aquáticos: naufrágio e depositário ou abandono. Quanto aos sítios de naufrágio, além do exposto anteriormente, podemos ressaltar que:

“Esses sítios são considerados pela Arqueologia Subaquática como os mais importantes a serem estudados. São testemunhos materiais únicos de acidentes com embarcações – desde uma canoa monóxila (embarcação feita a partir de um único tronco de árvore) até um transatlântico moderno -, e representam os restos de cultura material da milenar história universal dos naufrágios (marítimos, fluviais ou lacustres). Podem estar localizados no ambiente aquático, no limite entre estes e a superfície, ou inteiramente em superfície” (Rambelli, 2002:41).

O barco da Galileia não está inserido em um contexto de naufrágio, mas está em um ambiente lacustre e possui técnicas de construções navais únicas e por este motivo, até o momento, é um representativo da tradição náutica local da época.

Como sítio de abandono ou depositário, sabemos que o barco foi por algum motivo abandonado ou simplesmente depositado na praia do lago da Galileia. Ao seu redor e dentro da embarcação, foram encontrados outros objetos que podem ou não fazer parte do seu contexto. Quanto a este tipo de sítio, vale ressaltar que,

“Esses sítios são caracterizados pela presença de artefatos abandonados, deixados descartados voluntariamente e/ou perdidos acidentalmente pelo homem no ambiente aquático (águas marítimas, oceânicas ou interiores), ou lugares que vieram a se tornar submersos. Podem estar associados aos vestígios arqueológicos terrestres, como prolongamento de área de atividade, ou estar totalmente descontextualizados de qualquer evidência registrada na superfície da região em questão” (Rambelli, 2002:48).

Na escavação do barco, arqueólogos encontraram do lado de fora do casco, um pote de cerâmica, de uso doméstico, bem preservado e praticamente inteiro (figura 5). Na parte interior, pesquisadores acharam uma lamparina de óleo (figura 6), feita de cerâmica. Além desses artefatos, o local da escavação estava repleto de fragmentos de cerâmica e foi encontrada também, uma moeda de um centavo americana, do ano de 1986, o que indica contaminação no sítio. Segundo Wachsmann o barco não parecia estar com uma carga quando desceu o que é um fato curioso (WACHSMANN, 2000: 65).



Figura 5: Pote cerâmica de utilizado para uso doméstico, encontrado ao lado do barco.
Imagem disponível no livro “*The Sea of Gallilee Boat*”- 2 Edição, Texas A&M
University Press, 2000

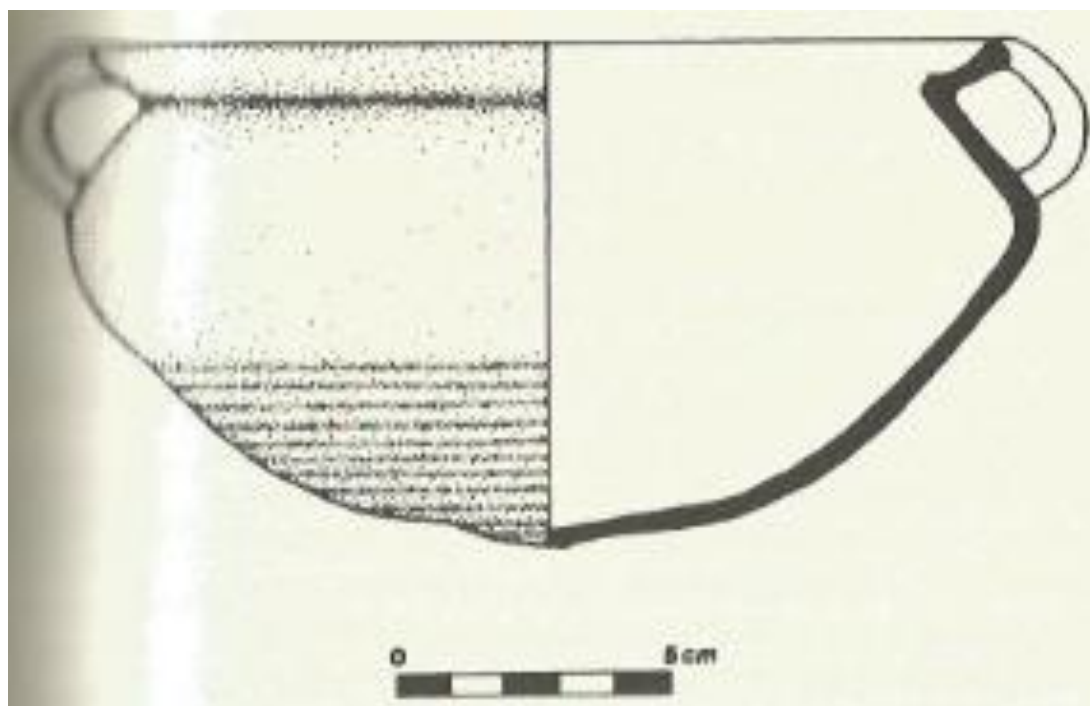


Figura 6 Desenho arqueológico do pote cerâmica, utilizado para uso doméstico,
encontrado ao lado do barco. Imagem disponível no livro “*The Sea of Gallilee Boat*”-
2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.



Figura 7 Lamparina de óleo encontrada dentro do casco da embarcação. Imagem disponível no livro “*The Sea of Gallilee Boat*”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.

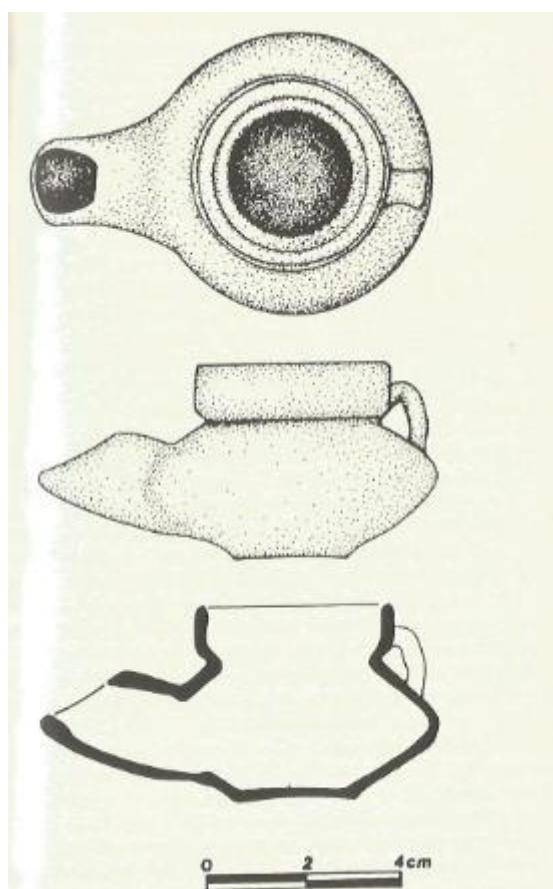


Figura 8: Desenho arqueológico da lamparina de óleo encontrada dentro do casco da embarcação. Fonte Imagem disponível no livro “*The Sea of Gallilee Boat*”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.

Pelo fato de a madeira estar friável, as estruturas foram envolvidas por fibra de vidro e preenchidas com poliuretano, para que dessa forma, pudesse consolidar toda a estrutura ao ser retirada. Foram cavadas valetas e reforçados os lados do barco que ficou totalmente empacotado (Figura 9). Em seguida, bombearam água de volta ao local para que ele pudesse boiar (Figura 10) e finalmente ser levado para o museu do Kibbutz. No museu, o barco foi armazenado em um tanque com substâncias químicas construído especialmente para receber a madeira encharcada (SILVA, 2008: 161-162).



Figura 9: O barco da Galileia envolvido na substancia chamada polietano. Imagem disponível em: http://www.geocities.ws/paz_israel/peter.htm.



Figura 10: O barco da Galileia reflutuando depois de dois mil anos. Imagem disponível em: Revista Desperta!, 2006.

O barco mede 8,2 metros de comprimento, com boca de 2,3 metros e 1,2 metros de calado (Figura 11 e 12). Tinha capacidade para transportar 15 pessoas com uma técnica de construção naval chamada de casco primeiro, “Shell-first” (SILVA, 2008: 161-162). Ele é um verdadeiro Frankenstein!

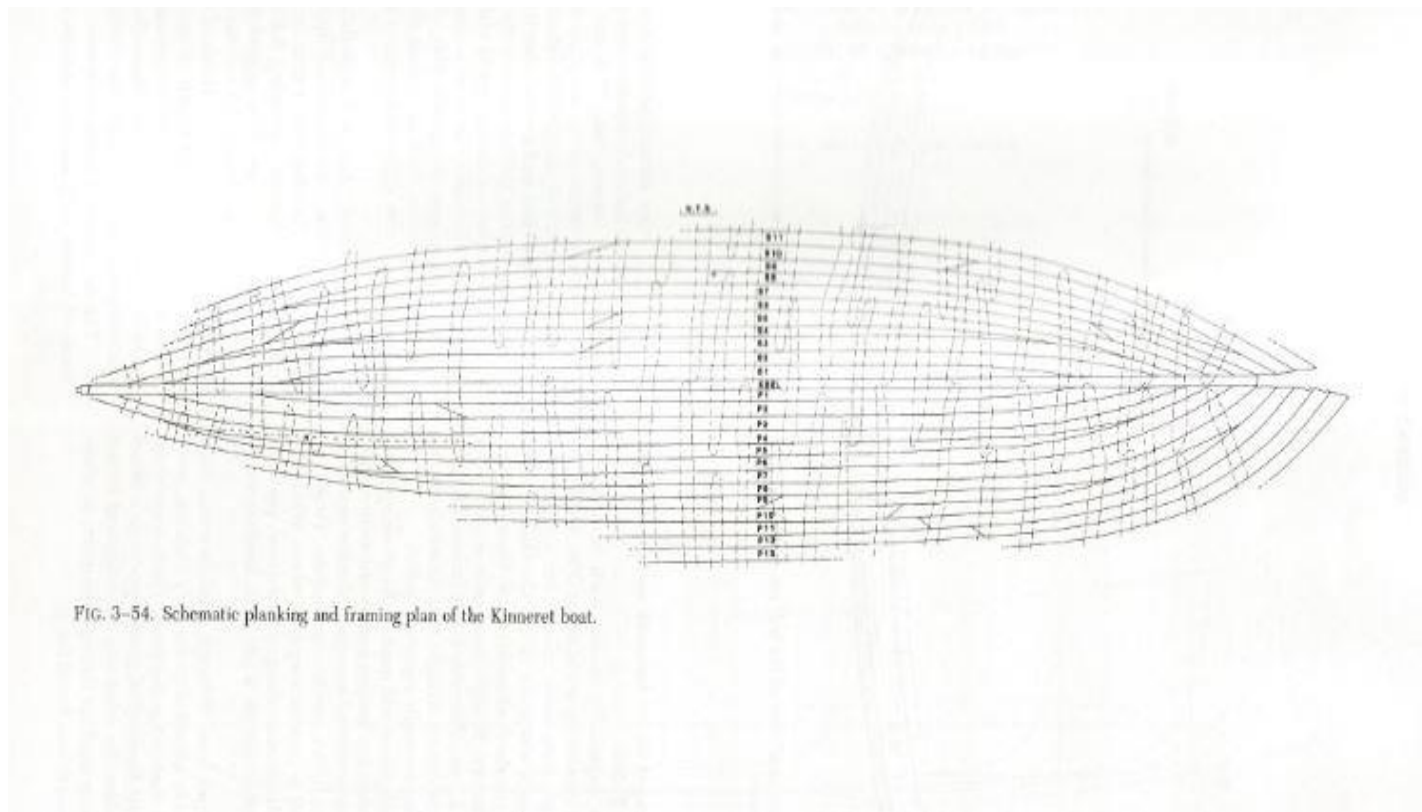


Figura 11: Desenho do barco da Galileia. Imagem disponível no livro “The Sea of Gallilee Boat”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.

Para Crossan e Reed (2007), os materiais utilizados na construção, atestam para um construtor naval experiente que trabalhou com poucos recursos, mas determinado o suficiente para manter a embarcação navegando. A única madeira apropriada era a quilha, feita com Cedro do Líbano, que provavelmente foi retirada de outro barco, pois apresenta marcas de conexões antigas (CROSSAN e REED, 2007:125).

O reaproveitamento da madeira para a construção do barco da Galileia indica que esta era escassa na região. É provável que a falta de matéria prima tenha feito com que o construtor do barco desenvolvesse uma técnica única de encaixe-mecha-cavilha, tão eficiente que manteve o barco em funcionamento mesmo com todos os remendos.



Figura 12: Barco da Galileia com 8,2 metros de comprimento, com boca de 2,3 metros de largura e 1,2 metros de profundidade Imagem disponível <https://expedicaobiblica.blogspot.com.br>

Ele foi construído seguindo o sistema de encaixe de tábuas de casco, pelo método de encaixe-mecha-cavilha, técnica construtiva típica da Antiguidade e muito comum no período romana, Vale ressaltar, que o “processo de construção, como o nome indica, refere-se por seu turno à modalidade de execução técnica adotada” (Alves, 1998: 74). As embarcações da Antiguidade, com seu tabuado liso, feito de fiadas justapostas topo a topo, decorrentes dos entalhes laterais da quilha (os alefrizes), parecem não se diferenciarem de qualquer embarcação de casco liso de outros períodos mais tardios. Porém há uma diferença fundamental,

“As tábuas do casco são fixadas entre si, com os bordos topo a topo, graças a uma fiada contínua de juntas feitas pelo característico sistema ‘encaixe-mecha-cavilha’, dominante em todo o mundo antigo mediterrânico. Este sistema garante uma solidez e uma acerto de formas que nada tem a ver com o simples papel de mero revestimento que cabe ao tabuado do casco da tradição construtiva moderna” (ALVES, 1998: 74-5).

O barco da Galileia se enquadra neste sistema de construção, denominado Casco-primeiro (Shell-first), que tem na sofisticada junção do tabuado do casco, decorrente de um trabalho de carpintaria sofisticado, o segredo do sucesso deste sistema (POMEY &

RIETH, 2005). Com um casco que adicionou retalhos de diferentes tipos de madeira, o barco foi construído para garantir o sucesso de sua navegabilidade. Estima-se que tinha capacidade de transportar 15 passageiros e 5 tripulantes e pode ter sido utilizado tanto para a pesca, quanto para o transporte de mercadorias e pessoas (SILVA, 2008: 162).

Wachsmann (2000), buscando diferenciar as técnicas de construção de embarcações faz questão de explicar aos leitores de sua obra, as diferenças que existem entre a Antiguidade e a Modernidade. Porque na Modernidade o tabuado do casco é aplicado ao esqueleto da embarcação, como se fosse uma pele revestindo os ossos (ALVES, 1998), enquanto que na Antiguidade a junção do tabuado antecede as estruturas de sustentação que formam o esqueleto dos barcos Modernos. Quanto a isto, Alves afirma que,

“Esta tradição mediterrânica entrou em declínio durante a Alta Idade Média, vindo a ser substituída, nos primeiros séculos do presente milénio, ou mesmo antes, por outra, baseada no papel essencial, determinante e activo do esqueleto - o *cavername*. De acordo com esta tradição que viria a tornar-se dominante na Europa até à actualidade, o tabuado é composto de peças independentes entre si, que são pregadas às cavernas depois da ereção destas. Este princípio tomou a designação de ‘esqueleto primeiro’ (conforme figura 09), *membrure* ou *charpente première* (em francês), *skeleton first* (em inglês)”(ALVES,1998:75).

Porem, no caso do barco da Galileia, este processo foi feito um pouco diferente, provavelmente por uma necessidade de aproveitar a madeira que era escassa na região e também pela tradição náutica local. A junção entre taboado e este à quilha, longitudinalmente, garantiram o sucesso daquela técnica construtiva. Somente depois que grande parte do casco estava no lugar, é que eram fixadas as estruturas transversais para assegurar a consolidação do casco. Isto é chamado de construção *Shell-first* (conforme figura 13) (WACHSMANN, 2000: 16).

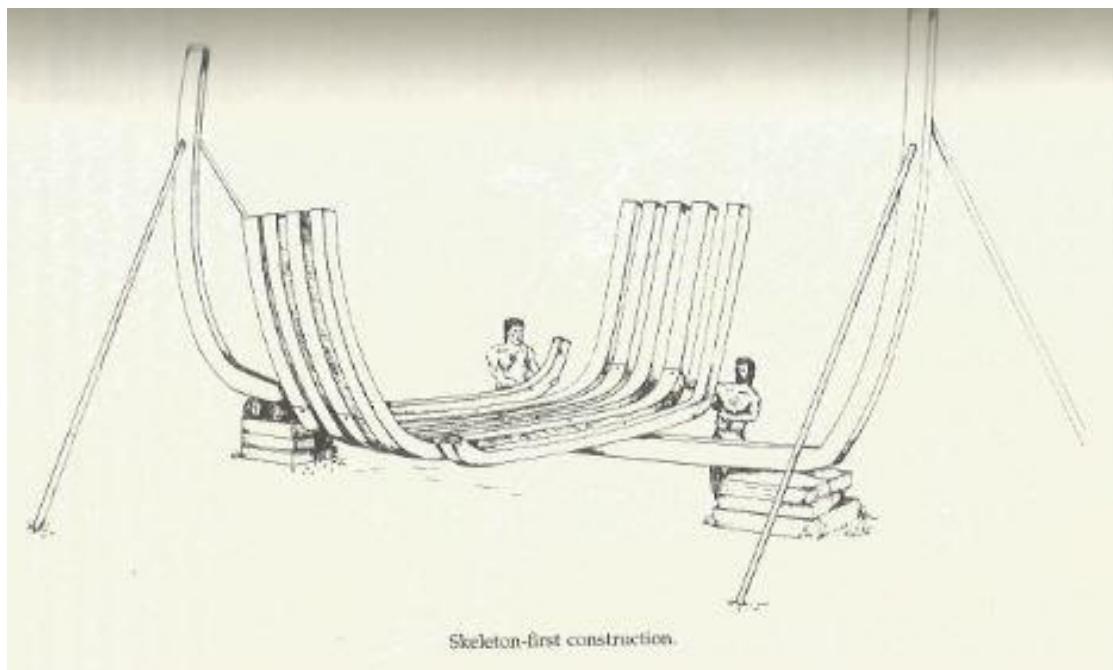


Figura 13: Modelo de construção de barco utilizando a técnica Skeleton-first. Imagem disponível no livro “The Sea of Gallilee Boat”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.

A parte mais impressionante desta técnica de construção era o fato de que as tábuas do casco estavam juntas entre si, não por fechos metálicos, mas por encaixes e fixações todas feitas em madeira. As tábuas eram unidas por meio do sistema de entalhe-mecha-cavilha, já mencionado anteriormente, Onde eram entalhadas em alguns pontos de suas bordas longitudinais e unidas umas com as outras por meio de pequenas linguetas (as mechas), que depois eram furadas e fixadas por cavilhas de madeiras para darem a sustentação das mechas e garantirem suas fixações ao longo da embarcação (ver figura 14) (WACHSMANN, 2000: 16).

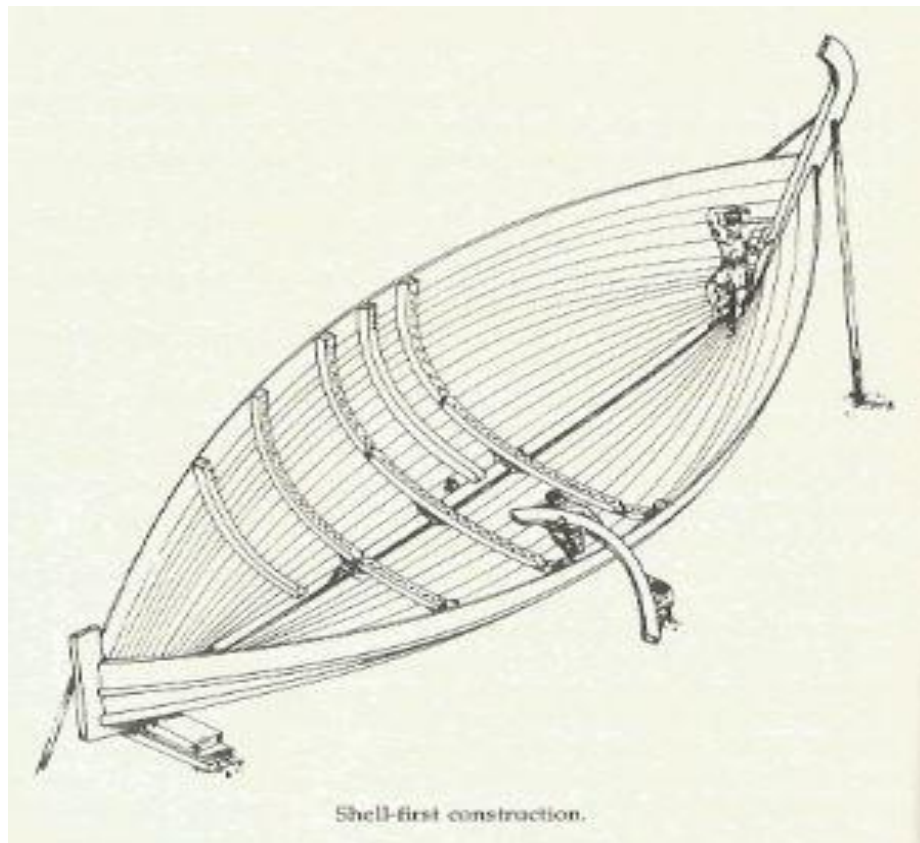


Figura 14: Modelo de construção de barco utilizando a técnica Shell-first. Imagem disponível no livro “The Sea of Gallilee Boat”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.

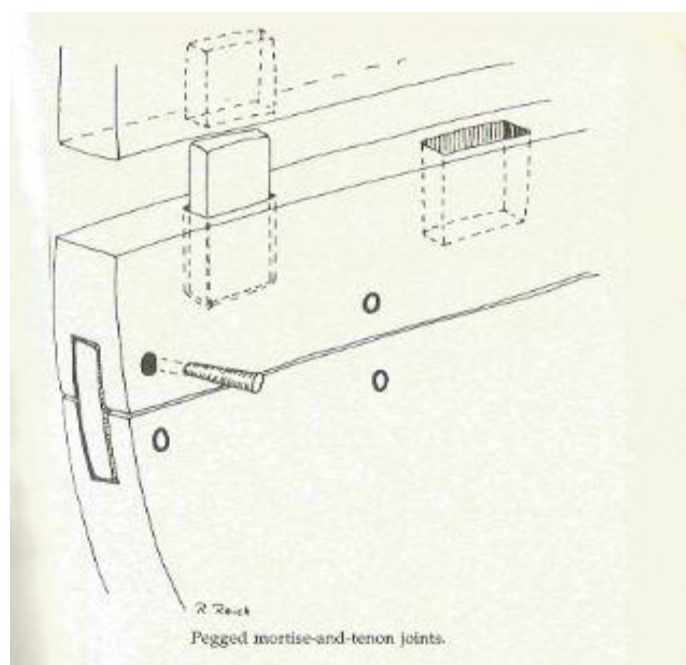


Figura 15: Taboado fixado por meio do sistema entalhe-mecha-cavilha c. Imagem disponível no livro “The Sea of Gallilee Boat”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.

Esta tradição construtiva utilizada no mar da Galileia corresponde às técnicas comuns em todas as embarcações do mundo Antigo e exigia uma mão-de-obra altamente especializada. A diferença fundamental deste estudo de caso diz respeito ao fato de o barco apresentar significativos remendos de madeiras, o que para Waschmann é incomum. Para ele, o barco da Galileia foi constituído como um mosaico de diferentes reaproveitamento de tábuas e estruturas transversais, o que tinha tudo para dar errado. A escassez de matéria prima pode justificar os improvisos dos seus construtores. Mas, se por um lado apresentam um improviso de peças construtivas, por outro atestam os domínios das técnicas construtivas por parte dos carpinteiros.

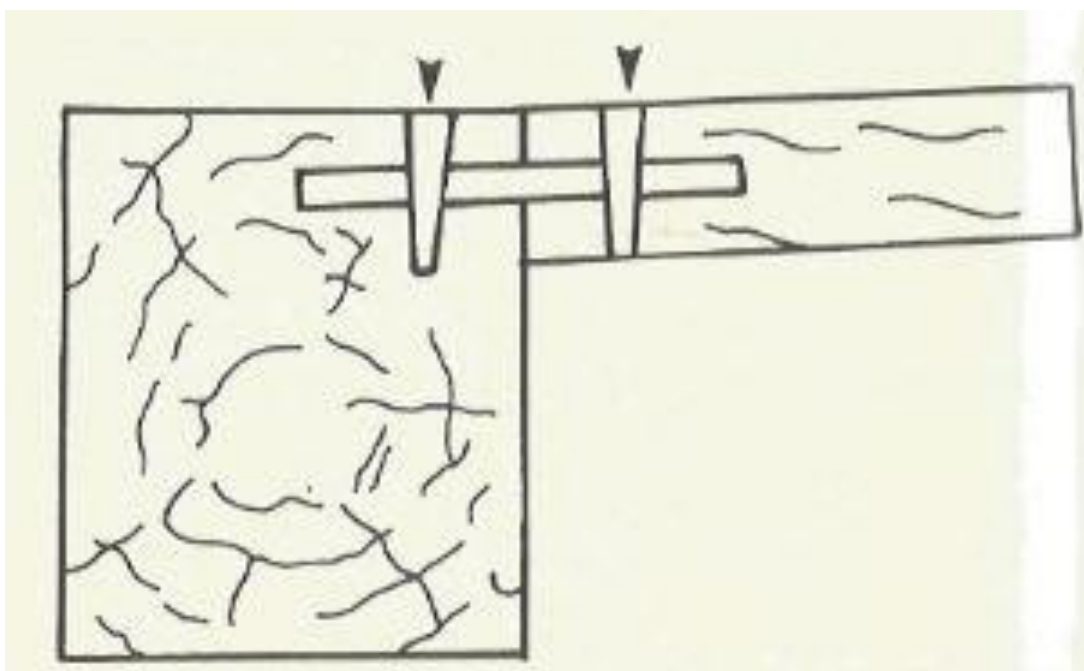


Figura 16: Desenho transversal da quilha do barco da Galileia. Nota-se a fixação do taboado verticalmente na superfície horizontal da quilha. Imagem disponível no livro *“The Sea of Gallilee Boat”*- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.

Padrões semelhantes foram vistos em barcos e navios romanos do primeiro século. No barco da Galileia, a forma de fixação do taboado na quilha se deu de maneira diferente em ângulo reto. Talvez por se tratar de uma embarcação lacustre.

Wachsmann também faz uma análise da forma em que o casco foi construído. Ele diz que algumas das tábuas eram tão curtas que o construtor não poderia ter colocado uma por vez, mas sim anexando, muitas vezes, três delas para construir uma prancha de tamanho

regular. As pranchas de tábuas tiveram que ser trabalhadas antes da junção do tabuado do casco (WACHSMANN, 2000: 143). Ver figura 17

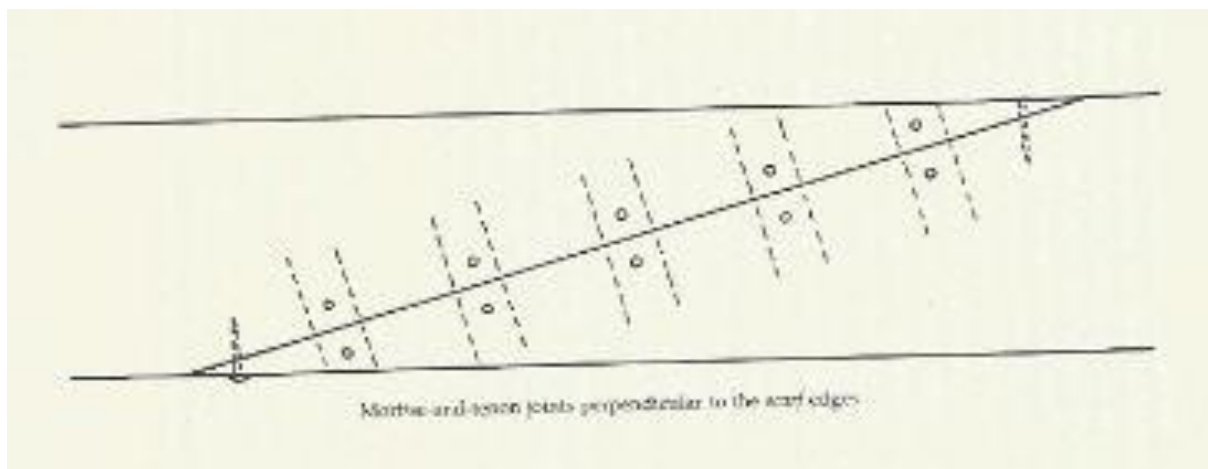


Figura 17: *Junção das tábuas por meio do sistema entalhe-mecha-cavilha. Imagem disponível no livro “The Sea of Galilee Boat”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.*

A madeira das tábuas, certamente, era “reciclada” e as estruturas transversais eram feitas, principalmente, de novas madeiras. Mas não sem qualidade. Elas dão a entender a pouca qualidade de madeiras disponíveis. Para Wachsmann, os construtores do barco fizeram de tudo para que o barco pudesse navegar (WACHSMANN, 2000: 143).

Existem coisas no barco que foram utilizadas apenas na Galileia, o que indicaria mais uma vez, as qualidades dos artesãos locais como, por exemplo, o sistema de pregadura do casco longitudinal nas estruturas transversais. Para Adams, às vezes, a construção dos reflexos é menos grandiosa; então a vontade de realização é ainda mais surpreendente (ADAMS, 2001:301). O barco da Galileia reflete esta “vontade ou necessidade” de navegação.

No conceito de Adams os barcos, as práticas sociais e a produção de navios inevitavelmente incorporam construções simbólicas e ideológicas, destinadas a salvaguardar as melhores práticas. Neste sentido, tradições de construção incorporam um paradoxo: a proteção dos valores "tradicionais" tende a suprimir a variação e inovação enquanto ao mesmo tempo os barcos e navios podem representar a mais avançada tecnologia de algumas sociedades. A explicação é que há sempre uma interação dialética, tanto dentro do corpus da prática tradicional e entre os profissionais e sociedade em geral

(ADAMS, 2001:302). Neste sentido o barco da Galileia é o único exemplar até hoje conhecido da tradição náutica da região no primeiro século.

Esta embarcação segurou sua integridade não apenas quando em uso, mas, até mesmo após ser encontrado e começar uma nova vida. Quando navegando, foi suficientemente forte para suportar as tempestades súbitas da região, mesmo remendado, frágil, mas seguiu confiante! (WACHSMAN, 2000: 147). O construtor do barco conhecia as técnicas necessárias para que o barco continuasse a navegar, como remendá-lo, onde encontrar o material necessário e como usá-lo. E mesmo quando o barco parecia se render ao tempo, seus construtores sabiam como prolongar sua vida, até que um dia, por algum motivo, barco e construtores resolveram descansar.

No entanto, Bachelard diz que enfrentar a navegação é uma tarefa que exige interesses poderosos, fabulosos, aqueles que sonhamos, mas que, no entanto não calculamos (BACHELARD, 1998:76). O construtor do barco da Galileia aceitou este desafio, pois teve determinação suficiente para enfrentar os perigos da navegação, mesmo que lacustre, mas um ambiente tão instável quanto o Mar. Talvez o barco fosse para seu construtor uma metáfora da vida e das dificuldades de continuar a jornada. Pode ter sido construído por um judeu, que acreditava na promessa do reino messiânico que um dia seria estabelecido na terra, ou por um pescador galileu, habitante de Cafarnaum ou Magdala que necessitava manter o barco na água, para pescar e viajar para as outras cidades. A arqueologia não pode trazer essas respostas, mas podemos sugerir que, talvez, os construtores do barco teriam conhecido a frase de Pompeu: “Navegar, é preciso! Viver não é preciso!”, claro que Pompeu estava se referindo a necessidade de navegar, muito mais importante do que viver. Para o barco da Galileia, o construtor sabia da necessidade de navegar e neste caso, assumindo o lado de “precisão”, pois cada entalhe, cada pregadora feita no barco foi minuciosamente calculada, feita e refeita, pois era necessário que o barco navegasse.

O barco em especial levantou na mídia e entre peregrinos, questionamentos e especulações desenfreadas sobre sua conexão com Jesus. Para os membros da escavação a pergunta era se ele não teria feito parte da Batalha de Migdal, uma luta entre muitas que houve no lago da Galileia, entre os judeus e romanos (WACHSMANN, 2000: 182). Outro questionamento feito associa o barco a Pedro, já que este era pescador e dono de alguns barcos, de acordo com o Novo Testamento,

“Andando à beira do mar da Galileia, ele viu dois irmãos: Simão, que é chamado Pedro, e seu irmão André. Eles estavam lançando uma rede no mar, pois eram pescadores. Ele lhes disse: “Sigam-me, e eu farei de vocês pescadores de homens.” Eles abandonaram imediatamente as redes e o seguiram. Indo adiante, viu outros dois que eram irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João. Eles estavam no barco com seu pai, Zebedeu, consertando as suas redes, e ele os chamou. Deixaram imediatamente o barco e seu pai, e o seguiram” (Mateus 4:18 – 22)

Vale ressaltar que a pesca era abundante no Lago da Galileia e existiam outros pescadores que não estão mencionados no texto bíblico. Essas especulações quanto ao barco da Galileia, levam ao conceito de Geertz, que diz que os símbolos são incorporações concretas de ideias e crenças. Este achado incorpora uma crença e um simbolismo que leva ao “sagrado e místico” (GEERTZ, 1978: 105), pois a possibilidade do barco ser de um dos discípulos do Jesus histórico ou que o próprio Jesus tenha navegado nele, causa fascínio no universo cristão. De acordo com Bordieu, um símbolo tem o poder de construção da realidade (BORDIEU 89:9) e através do barco da Galileia, uma realidade foi construída no ocidente, a de que de alguma forma essa embarcação fez parte da vida de um carpinteiro que inspirou a criação do cristianismo.

Neste sentido, o Jesus histórico estava tão familiarizado com a vida da pesca e a tradição náutica que boa parte dos seus seguidores eram pescadores, ou seja, ele entendia os mitos e a linguagem do “homem do mar” o que facilitou um diálogo e os aproximou. Podemos pensar em um Jesus que era carpinteiro e possivelmente entendia das tradições náuticas da época. Se a vida começa e termina na água e através dela existe um novo começo (BACHELARD, 1998:76), o barco da Galileia encontrou esse caminho de vida, morte e de um renascimento, adquirindo significados e valores seguidos até os dias de hoje, pois batismo em águas, a tradição de comer peixe em dias considerados sagrados, o “Jesus que acalma as tempestades” da vida, são elementos do contexto aquático que foram inseridos e reproduzidos no cristianismo.

CAPÍTULO 1.1 – SOB VÁRIOS AFLUENTES.

“E o barco estava já no meio do mar, açoitado pelas ondas; porque o vento era contrário; Mas, à quarta vigília da noite, dirigiu-se Jesus para eles, andando por cima do mar. E os discípulos, vendo-o andando sobre o mar, assustaram-se, dizendo: É um fantasma. E gritaram com medo. Jesus, porém, lhes falou logo, dizendo: Tende bom ânimo, sou eu, não temais. E respondeu-lhe Pedro, e disse: Senhor, se és tu, manda-me ir ter contigo por cima das águas. E ele disse: Vem. E Pedro, descendo do barco, andou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo o vento forte, teve medo; e, começando a ir para o fundo, clamou, dizendo: Senhor, salva-me!” (Mateus 14:24-30).

Esse cenário da Galileia me faz refletir como a sociedade do primeiro século compreendiam barcos. Seria apenas um meio de transporte? Uma ferramenta de trabalho ou possuía algum significado simbólico? Mas ao falar da Galileia e ter a tendência de pensar no judaísmo como religião predominante, é necessário lembrar do que é dito por Hosley, o fato de que a região fez parte de uma encruzilhada de impérios e dessa forma, possuía uma mistura de crenças, cultura e símbolos. Para compreender quais são os símbolos envolvem o barco da Galileia é necessário entender a cultura da época, juntamente com seus mitos e crenças.

A Galileia do primeiro século foi formada apenas por judeus ou galileus. Tradições bíblicas hebraicas e a literatura judaica mencionam o povo da Galileia como um povo forte e independente. Eles lutavam contra soberanos estrangeiros que assumiam o controle da região, impondo como seria a vida e a geografia do lugar. Essa resistência vem da crença judaica, pois *Iahweh* era literalmente o rei soberano, Deus eterno e só Ele deveria governar. Essas lutas deixaram indícios gravados na tradição popular e trouxe fortes influências culturais (HOSLEY, 2000: 23, 26, 28).

A Galileia passou pelo domínio, dentre outros, da Assíria, Pérsia, Ptolemaica e os Selêucidas. Segundo Hosley, (2000) um fator importante nas experiências históricas da Galileia e da Judéia está nos diferentes modos de como foram influenciadas e como reagiram ao imperialismo cultural helenístico. No entanto, apesar da fundação de várias cidades helenísticas no território da Galileia, as aldeias galilaicas tiveram pouca influência cultural, diferente da forçada helenização que sofreu a Judeia (HOSLEY, 2000: 28, 30, 31).

Essa afirmação também é feita por MCDOWELL e STEWART, (1996) ressaltando que durante o período da restauração, os judeus ficaram sujeitos a influência da cultura grega, quando Alexandre o Grande conquistou o mundo. Após a morte de Alexandre, a Palestina passou para o governo dos Ptolomeus. A influência helenística foi tão forte nesse período que os judeus não mais entendiam o hebraico, língua em que foi escrito o Antigo Testamento. O aramaico e o grego tornaram-se os idiomas dominantes na Palestina. Nesse período, o Antigo Testamento foi escrito em grego para beneficiar os judeus incapazes de ler o hebraico (MCDOWELL e STEWART, 1996: 118).

O personagem bíblico Davi, foi o homem escolhido, segundo fontes bíblicas, para conduzir a nação. Foi o segundo rei que conquistou Jerusalém e estabeleceu a capital do reino. No entanto, o filho de Davi, Salomão, quando foi eleito sucessor do seu pai, trouxe grande prosperidade a Israel. Após sua morte, a nação foi dividida em dois reinos: sul, conhecido como Judeia e norte, chamado de Israel (MCDOWELL e STEWART, 1996: 116, 117). A região de Israel abrange o Mar da Galileia e redondezas (Figura 14).

Freyne tem um conceito diferente no que se refere a Galileia. Ele acredita que outras culturas não judaicas e a micro ecologia, influenciaram na cultura das cidades da Galileia, principalmente no que diz respeito aos judeus. A forma como algumas áreas ao redor da Galileia se relacionavam com a natureza era diferente da que era encontrada no início no território judaico / israelita. A Alta Galileia era dominada pelo culto ao deus grego Pan, cuja adoração, por mais de dois séculos era feita em uma caverna ao sul do monte Hermon (FREYNE, 2008:53).

Os montes Hermom e Tabor estavam localizados na “Terra Prometida” dos judeus, sendo montanhas sagradas tanto para judeus como para não judeus. No livro de salmos, capítulo 89 versículo 12 o salmista exalta esses dois montes, aclamando o nome do Deus criador da terra e céu. Esses lugares despertavam uma concorrência religiosa na antiguidade (FREYNE, 2008:55). Eliade, (2008) resalta que os montes Tabor e Gerizim eram igualmente “centros” e a Palestina a “Terra Santa”, considerados como os lugares mais elevados do mundo, não atingidos pelo dilúvio bíblico. Israel também não teria passado pelo catastrofismo bíblico. Para o cristianismo o Monte do Gólgota é o centro do mundo, pois lá, segundo a crença, foi criado e enterrado Adão, o primeiro homem (ELIADE, 2008:91). No Gólgota, que significa Caveira em grego, o Jesus histórico, segundo o texto bíblico, foi crucificado.

No entanto, existem indícios abundantes de que o judaísmo helenístico conseguiu incorporar novas ideias no conceito teológico, sem fugir da noção do “Deus criador”. O deus Pan, por exemplo, possui características universais, que pode estar associado ao Deus hebraico da criação, pois só Deus se enquadra na característica de Pan, uma vez que *Iahweh* criou o céu, terra e tudo o que neles há. O deus Pan, na mitologia grega estava associado ao campo, sendo caracterizado como guardião das ovelhas e rebanhos e inventor da flauta de sete furos, padroeiro da folia e da vida ao ar livre (FREYNE, 2008:53).

Essas mudanças, para McDowell e Stewart (1996), começaram nos anos de exílios enfrentados pelo povo judeu, sob domínio assírio e babilônico. Nesse período, houve algumas modificações no culto judaico, pois como o templo não podia ser usado como lugar central de adoração, foi estabelecido casas de oração chamadas de sinagogas. O mestre de cada sinagoga era chamado de rabino, que cresceu em importância, ao mesmo tempo em que o sacerdote foi perdendo o prestígio religioso (MCDOWELL e STEWART 1996: 118).

Para Freyne de uma forma geral, no antigo mundo do Mediterrâneo, a paisagem natural era o centro das preocupações religiosas dos povos nativos. Fenômenos naturais como fontes, cavernas, grutas, rios e picos montanhosos eram compreendidos como lugares sagrados, lares apropriados para algum deus ou deusa, ou até mesmo um espírito cuja proteção era importante os humanos cultivar (FREYNE, 2008:56). Da mesma forma Eliade (2008), diz que em todas as mitologias existem uma montanha sagrada que seria mais ou menos uma variante do Olimpo grego. A montanha é considerada como o ponto de reencontro entre o Céu e a Terra, portanto um “centro” (ELIADE 2008:91).

O grupo de discípulos do Jesus histórico foi escolhido no vale do Mar da Galileia, região em que viviam e trabalhavam intimamente ligados ao mar e a seus frutos. Freyne sugere que esse foi o método utilizado para conscientizar os discípulos da benção que a água é para a vida humana. Dessa forma, as associações simbólicas explicavam o Deus de Israel e sua benevolência para com o seu povo. Era característico do Jesus histórico falar em forma de parábolas, uma vez que representavam uma rica seara de investigação, tanto da imaginação religiosa do próprio Jesus histórico, como do mundo cotidiano da Galileia (FREYNE, 2008:56). Essa foi uma maneira de explicar o inconsciente, como

propôs Jung (2008), pois existem coisas que só podem ser explicadas através dos símbolos (JUNG 2008: 19) e as parábolas exerciam esse papel.

O Jesus histórico, através de parábolas, transformava experiências cotidianas em narrativas com fundo de realidade e dessa forma, explicava aos ouvintes as atividades de *Iahweh* beneficiando seu povo. Para essas pessoas, tornava-se fascinante ouvir histórias sobre a ação provedora do Deus de Israel relacionada à suas vidas diárias e experiências cotidianas. Desta forma, essas experiências eram elevadas a um nível simbólico do qual eles mesmos faziam parte. Essa metodologia é encontrada no livro de provérbios que envolvem conselhos populares com elementos cotidianos (FREYNE, 2008:56).

Eliade diz que o símbolo apresenta-se como uma linguagem ao alcance de todos os membros da comunidade e inacessível ao estrangeiro, mas que, mesmo assim é uma linguagem que exprime no mesmo grau, a condição social, histórica e psíquica da pessoa que usa o símbolo bem como suas relações com a sociedade e cosmo (ELIADE, 2008: 368).

Já Freyne afirma que o elemento surpresa das parábolas do Jesus histórico destinava-se a desafiar os ouvintes a reconsiderar o seu entendimento de Deus e de suas relações com Israel, experimentando dessa forma a presença dele no mundo real, cotidiano, do lar, da aldeia, do campo, do céu e da montanha. Segundo o autor, as parábolas de Jesus faziam sucesso como metáforas religiosas porque era parte do produto da imaginação religiosa, com base no mundo natural e da luta dos seres humanos para conquistar a natureza, ao mesmo tempo em que estavam profundamente enraizadas nas tradições de Israel, abordando sobre do Deus criador do céu, da terra, do mar e de tudo o que nela existe (FREYNE, 2008:57).

Para Hosley, tradições orais bem desenvolvidas possibilitavam reter grandes quantidades de informação, não somente sobre feitos heroicos do passado, mas também do conhecimento técnico como a navegação, agricultura e o calendário. No que se referem a questões religiosas relacionadas com o desconhecido, às pessoas costumavam consultar “tradição oral”, como os oráculos e os padrões de voo das aves, ou até mesmo as entranhas de animais (HOSLEY, 2008:141).

A comunidade local conhecia “escrita sagrada” como inscrições, amuletos e textos sagrados, mas a função desses símbolos não dependia da literalidade e sim do valor

mediador de como inspirava a devoção ou até mesmo como símbolo sagrado. Esse porém pode ser o motivo pelo qual o judaísmo e cristianismo tenham sido centrados em torno das escrituras sagradas (HOSLEY, 2008:141).

Essa variedade de interpretações e formas de entender elementos da natureza, símbolos e inscrições sagradas reflete o conceito de Tilley, (2014) sobre percepção, onde o mundo é revelado da forma que é experimentado e dessa experiência corpórea fluem todas as experiências. Enquanto um judeu subia ao monte Hermom para orar ao Deus de Israel, outra cultura adorava seus deuses no mesmo local, porém com concepções e percepções diferentes, mas que, no entanto, o local para ambos remetia ao símbolo do “sagrado”, o “centro”. Dessa forma mais uma vez podemos compreender a Galileia como uma região de várias crenças e não apenas um judaísmo puro sem intervenções.

Horsley acreditava nesta ideia de uma presença israelita continuada na Galileia, com costumes próprios, práticas e rituais de modo independente dos habitantes da Judeia. Mas esse conceito é questionado por Freyne, o que eu particularmente também concordo, pois segundo o autor, a arqueologia tem elucidado questões cruciais da região, trazendo uma construção da Galileia enquanto “lugar”, e não com foco nos estudos do Jesus histórico, com vieses ideológicos (FREYNE, 2008:13, 60).

Como já mencionado, a Galileia passou pelo domínio de vários impérios inclusive Assírios. A discussão que se trava, entre Hosley e Freyne consiste na natureza histórica da ocupação judaica na Galileia. As fontes literárias são muitas e a arqueologia segundo Freyne tem o papel de preencher as lacunas. Estudiosos preferem usar o termo *judéios* e não *judeus* porque historicamente o nome se aplica a todos os habitantes do território da Judeia, sem distinção. No entanto esse termo passou a ser usado a todos aqueles que aderiam aos costumes e práticas dos judéios, independente do lugar de origem ou residência.

Existe uma divergência com relação à nomenclatura adequada para a população do norte da Galileia, após a queda dos assírios. Escavações arqueológicas associadas aos registros assírios desse período, sugerem existir uma quebra de paradigma no padrão de assentamento dos povoamentos na Galileia do século VII ao V a.C, com um amplo processo de devastação e deportação. No entanto na região de Samaria, aproximadamente doze anos depois, a Galileia não foi recolonizada na mesma extensão de deportação por povos não israelitas. Escavações posteriores realizadas na Alta Galileia e nas montanhas

de Gordan indicam o estabelecimento gradual de novos povoamentos partir do século IV, com vestígios materiais que indicam presença judéia. É exatamente nesse ponto que Hosrley não concorda com Freyne. Ele não acredita na hipótese da devastação assíria e defende que a presença de israelitas e não judeus foi constante na Galileia ao longo dos séculos (FREYNE, 2008:14, 15). O fato é que desde a pré história, povos de diferentes culturas habitaram na Galileia, portanto a ideia de um único povo temente ao único deus não condiz e sim diferentes povos com diferentes crenças e formas de interagir com o mundo.

Freyne ressalta que quando o assunto é Galileia, é importante levar em consideração três questões: a extensão e a natureza do impacto proporcionado pela difusão da cultura helenística; a identificação de marcos da identidade étnica judaica em diversos sítios e a natureza mutante das condições econômicas e sociais no período herodiano. O que precisa ser explorado, segundo o autor é a natureza do encontro entre o judaísmo e a cultura grega, que consistia na aceitação de muitos aspectos da vida grega, como educação, comércio, estruturas políticas e habilidades técnicas por todos os ramos do judaísmo do século II d.C, sem comprometer a esfera da identidade étnica, das crença ou praticas religiosas (FREYNE, 2008:14).

No entanto, existiu essa influência e ela pode ser vista de forma bem discreta até no atual cristianismo e no próprio judaísmo. Eliade diz que o acontecimento mais importante e que proporcionou apreciáveis consequências na história do judaísmo, foi à confrontação com o helenismo, pois desde a época do Bronze tardio, gregos tiveram frequentes contatos na Palestina (ELIADE, 1979:21). Por existirem grupos sociais variados na Galileia do primeiro século, podemos pensar que tanto o barco como o ambiente aquático, vai ser interpretado com símbolos e significados diferentes.

Atualmente, judaísmo moderno se divide em três grupos: ortodoxos, conservadores e os reformadores. Ortodoxos são os judeus tradicionalista, unidos em torno da observância da lei de Moisés, porém com grupos bem diversificados em suas nuances, práticas e crenças. Todos os judeus ortodoxos estão unidos na crença do evento histórico da revelação do Sinai, a lei de Deus entregue a Moises, como imutável e obrigatória para todos os tempos, conforme também é descrito na ⁵Torah. Reconhecem

⁵ **Torah:** significando instrução, apontamento. É o nome dado aos cinco primeiros livros do Tanakh (também chamados de Hamishá Humshêi Torá, as cinco partes da Torá) e que constituem o texto central do judaísmo. Contém os relatos sobre a criação do mundo, da origem da humanidade, do pacto da Divindade

os rabinos como pessoas com autoridade suficiente para interpretar e administrar a lei judaica, com base no ⁶Talmude e todas as outras fontes tradicionais da ⁷Halakhah. Judaísmo ortodoxo observa a maioria das leis dietéticas e cerimoniais tradicionais, aderindo dessa forma à inspiração do Antigo Testamento, embora tenham a Torah como maior autoridade (MCDOWELL e STEWART, 1996: 125). Esse era o judaísmo que prevalecia no primeiro século.

Já o judaísmo conservador é um meio-termo entre o judaísmo ortodoxo e o reformado. Foi fundado no século XIX e ganhou força na Alemanha e Estados Unidos. Ele defende que, em qualquer lugar que um judeu estiver, estará em casa porque Israel, como qualquer outra comunidade, tem o direito de viver e afirmar sua mensagem em qualquer parte do mundo. Acreditam que a missão do judeu é testemunhar em favor de Deus pelo mundo inteiro e que a sobrevivência deles como povo, depende da afirmação e manutenção do seu papel religioso, histórico e não da aceitação da Palestina como terra-pátria (MCDOWELL e STEWART, 1996: 125, 126).

No judaísmo reformado o foco é a raça e a cultura e religioso da vida judaica. É a ala liberal do judaísmo. Eles acreditam que as heranças espirituais e raciais dos judeus produzem e moldam a vida religiosa. No que diz respeito a pontos doutrinários e crenças religiosas, existe pouco consenso. Refutam a ideia de voltar a Terra Prometida, pois onde um judeu tem a sua cidadania, ali está a sua terra. No entanto, a língua hebraica deve ser retida pelo menos em parte nas orações e na educação. Os sermões e a adoração devem formar a Torah de acordo com essa nova interpretação (MCDOWELL e STEWART, 1996: 126).

Eliade diz que a cristologia tomou o lugar da ontologia da Torah, como expressão da revelação da liberdade e salvação oferecida por Deus na história, sem limites de fronteiras, de ordem nacional ou histórica. Segundo o autor, a firmeza da Torah e o trunfo

com Abraão e seus filhos, e a libertação dos filhos de Israel do Egito e sua peregrinação de quarenta anos até a terra prometida. Inclui também os mandamentos e instruções que segundo o judaísmo tradicional, foram dadas a Moisés para que a entregasse e ensinasse ao povo de Israel. Chamada também de Lei de Moisés (Torát Moshé), por vezes o termo "Torá" é usado dentro do judaísmo rabínico para designar todo o conjunto da tradição judaica, incluindo a Torá escrita, a Torá oral e os ensinamentos rabínicos.

⁶**Talmude** é uma coletânea de livros sagrados dos judeus, um registro das discussões rabínicas que pertencem à lei, ética, costumes e história do judaísmo. É um texto central para o judaísmo rabínico.

⁷ **Halakhah** é o nome do conjunto de leis da religião judaica, incluindo os 613 mandamentos que constam na Torá e os posteriores mandamentos rabínicos e talmúdicos relacionados aos costumes e tradições, servindo como guia do modo de viver judaico.

do legalismo fizeram desaparecer as esperanças escatológicas e a literatura apocalíptica, sendo substituída pela mística judaica (ELIADE, 1979:41).

Curioso notar que, apesar de existirem diferenças marcantes em práticas religiosas e crenças, entre o judaísmo e o cristianismo, existe também uma herança comum na qual compartilham, dentre elas a convicção de Deus como pai e a esperança da salvação (MCDOWELL e STEWART, 1996: 126). Entender como o judaísmo e a sociedade da época compreendiam barcos e se existia alguma simbologia não é uma tarefa fácil, mas podemos seguir a luz de dois pontos cruciais: a influência helenística que o judaísmo recebeu durante anos e a crença em um único Deus, provedor de todas as coisas, que se manifestava também através da natureza.

Em uma breve análise no Antigo Testamento, semelhante a Torah, encontramos a história de Noé e o dilúvio bíblico (Genesis capítulo 7 e 8), onde é descrito que Deus trouxe destruição a terra e tudo que nela existe. No entanto, aqueles que entraram na arca construída por Noé foram salvos. Nesse aspecto, podemos compreender o barco, a Arca como uma espécie de “tábua de salvação”, local onde aqueles que se agarrassem seriam salvos. Segundo Eliade, a promessa da salvação constituía na novidade e a principal característica das religiões helenísticas. O autor ressalta que o sincretismo religioso é a nota dominante desse tempo, principalmente no que se refere à criatividade (ELIADE, 1979: 42-43). Esse sincretismo religioso é semelhante ao conceito de arquétipos de Jung, ou seja, uma representação coletiva de um pensamento primitivo e que é modificado através da percepção e dos significados que são atribuídos às experiências humanas, na interação com o mundo (JUNG, 2008: 83).

Na história de Moises relatada no livro de Êxodo, capítulo dois, por exemplo, é descrito que ele foi colocado em uma arca de juncos (em algumas versões bíblicas, a tradução é que foi colocado em um cesto) e deixado no rio por sua mãe para salvá-lo da morte. Ele foi encontrado e resgatado pela filha do faraó, que encantada com o menino, decidiu criá-lo. Durand (2002) ressalta que nesta história, o símbolo da intimidade e maternidade se fazem presentes. O abandono segundo o autor é uma espécie de redobramento da maternidade, da hibernação e uma consagração à “*Grande Mãe*” elementar. Zeus, Poseidon, Dionísio, deuses gregos, partilharam da mesma sorte de Perseu, a oportunidade de retornar da morte.

Essa é a inversão do sentido natural da morte que permite o isomorfismo sepulcro-berço, que tem como meio termo o berço ctônico, repouso necessário seguido da imortalidade. O abandono é uma espécie de redobramento da maternidade e a consagração a “Grande Mãe Elementar”. O barco pode ser o símbolo da partida como também é profundamente a cifra do fechamento, o prazer de fechar-se, o mergulho no auto-conhecimento. A barca, mesmo que seja mortuária, participa na sua essência no grande embalar materno (DURAND, 2002: 237- 251).

Já no cristianismo, no Novo Testamento, livro de Mateus, capítulo 8 é dito que os discípulos e o Jesus histórico estavam no Mar da Galileia, quando de repente surgiu uma grande tempestade que quase leva o barco a naufragar. O Jesus histórico, no entanto estava dormindo e os discípulos desesperados começaram a gritar. Então Jesus se levanta e acalma a tempestade. Essa história pode ser compreendida como uma metáfora da vida, onde por qualquer situação de turbulência que existir, se o Jesus histórico estiver no barco, o “mar vai acalmar”. Corbin, (1989) diz que “a vida é concebida como uma travessia que se desenrola em um mundo tão instável quanto o mar” (CORBIN, 1989: 18,19). Essa metáfora esta presente no poema religioso, parte da letra de uma música que diz,

A vida é um mar, a experiência humana uma embarcação, nós os condutores. No mar milhões de barcos, uns estão isolados de todos, outros estão em conflito com outros. Uns estão parados observando o movimento de outros barcos, outros afundam sem mesmo se aperceberem disto. Uns remam com força em diversas direções, outros se deixam levar pelo vento enquanto assobiam melodias de canções familiares. E há pergunta? Há sim. A pergunta que reverbera nas paredes do coração de cada ser humano desde o primeiro pôr do sol, desde que o primeiro barco deixou o primeiro rastro na areia em direção ao incerto, em direção a territórios não mapeados é: existe algo além do que os nossos olhos hoje podem ver? Existe um lar do outro lado desse mar? Existe um mais? A questão existencial de saber se existe MAIS, se estende além do aspecto da experiência humana como um todo, pois alcança também o âmbito pessoal, individual.

(Tiago Arrais)

Esse texto em parte, retrata a história do Caronte, o barqueiro da morte. Segundo Bachelard (1998), a função de um simples barqueiro em uma obra literária é quase fatalmente tocada pelo simbolismo de Caronte. Por mais que atravesse um simples rio, ele sempre trará o símbolo de um “além” (BACHELARD, 1998: 80-81). O poema acima

trás essa simbologia, pois quando o autor pergunta se existe um mar do outro lado desse mar, barco é o transporte que leva os tripulantes a fazer a passagem da vida ao pós-morte.

Durand (2002) diz que Isis e Osíris, deuses egípcios, viajaram em uma barca fúnebre sendo essa o primeiro transporte do pós-vida. Noé segundo o autor construiu uma arca para transportar a alma dos mortos ou para conservar a vida e as criaturas ameaçadas pelo cataclismo. Bachelard pergunta se não seria a morte o primeiro navegador (BACHELARD 1998:81). Durand diz que o complexo de Caronte de Bachelard está na raiz de toda aventura marítima, sendo a morte o velho capitão, arquétipo que apaixona toda a navegação dos vivos (DURAND, 2002:250).

Dessa forma tanto no judaísmo quanto cristianismo, barcos não são apenas transportes ou instrumentos de trabalho, mas elementos que fazem parte de um símbolo ou cenário religioso, uma metáfora da vida ou até mesmo sinônimo de salvação. Vai além do significado imediato, funcional. Quanto a isso, Eliade, (2008) afirma que todo objeto religioso encarna sempre o “sagrado”, porque revela a realidade última ou participa dela. Objetos são “santificados” e “consagrados” por rituais, ou pelo contato com outro objeto ou pessoa “sagrada” (ELIADE, 2008:131). Sendo assim, barco da Galileia por fazer de um contexto religioso, incorpora o “sagrado”, fazendo parte da metáfora da vida e conectando a cultura material a imaterialidade.

Quanto à tradição náutica específica da região, provavelmente necessária para que se pudesse aproveitar toda a madeira reciclada (escassa na região e época) e a toda funcionalidade e simbolismo que o barco representava como a ponte que liga uma margem a outra, a morte ao pós vida e o abrigo para as tempestades e perigos do mar (mesmo que este seja um lago).

CAPITULO 2 - AJUSTANDO O CURSO.

“O ser voltado à água é um ser em vertigem. Morre a cada minuto, alguma coisa de sua substância desmorona constantemente. A morte cotidiana não é a morte exuberante do fogo que perfura o céu com suas flechas; a morte cotidiana é a morte da água. A água corre sempre, a água cai sempre, acaba sempre em sua morte horizontal”.

(Gaston Bachelard)

Existem barcos de todo o tipo e modelo. Uns são feitos para navegar em alto mar, enfrentando tempestades e a fúria das águas. Outros são construídos para águas tranquilas e navegam no curso dos rios, lagos tranquilo ou agitado como o “Mar da Galileia”. O que todo barco tem incomum? A viagem! Todos os barcos têm como propósito a navegação, seja de forma física ou simbólica. Esta viagem pode ser rumo ao desconhecido ou a um porto certo, mas o fato é que barcos carregam em si a certeza da partida, a incerteza da viagem e a esperança da chegada.

Seguindo um conceito de simbolismo, barcos em obras literárias e nos mitos representam “a viagem”, seja ao desconhecido, a outra vida ou parte da transição. Para Muckelroy barcos em contextos funerários, perdem seu significado marítimo, pois foram deslocados geograficamente, representando a transformação do conteúdo utilitário (MUCKELROY, 1978: 9,10 apud DURAN, 2008:84). O que o autor não levou em consideração é que o barco no contexto funerário tem a função simbólica de levar o morto à outra margem, ao pós vida, representando a viagem ao desconhecido. Portanto, uma embarcação é o canal que liga a vida e a morte, o material ao imaterial.

Diegues diz que o mar esta associado à navegação e travessia. No entanto a embarcação é o meio pelo qual esta travessia se torna possível. Navegar pelo mar significa lançar-se aos perigos da vida, pois no mar, existem monstros que surgem do fundo e todos aqueles que se arriscam a navegar, são heróis por arriscarem suas vidas enfrentando estes perigos. Desta forma, a região submarina é também o símbolo do inconsciente (DIEGUES, 1998:14) e o barco o local seguro que abrigar a tripulação. Mas o fato e que

barcos despertam o imaginário e o fascínio. Portanto, toda embarcação está repleta de histórias, desde a mais simples nau.

Uma embarcação não é formada apenas pela parte material, mas por todo conjunto de técnicas, tradições náuticas e pela vida a bordo, ou seja, por todo o contexto em que está inserido. Este é o objeto de estudo da Arqueologia: a cultura material que abrange também a imaterialidade. Sendo assim, a Arqueologia Náutica estuda o barco como um todo, incluindo o contexto em que está inserido

Mas pontuando cada área arqueológica aqui trabalhada, seguiremos o conceito de Duran, que resume estas três. A Arqueologia Marítima é definida por ele como sendo um desdobramento da proposta de Arqueologia subaquática, incluindo o estudo científico dos restos materiais do homem em suas práticas marítimas (o que também é um conceito de Muckerooy). Mas seguindo ainda as definições de Duran, a Arqueologia Náutica dá ênfase a embarcação no que se refere à tecnologia, adaptações, evoluções e a análise do barco como um espaço de vivência, conceito também aplicado por Rambelli que define o barco como um “microcosmo social”, reproduzindo com fidelidade o modelo de uma pequena comunidade, mantendo os traços culturais de sua origem (RAMBELLI, 2002: 42; DURAN, 2012).

A Arqueologia de Ambientes Aquáticos, possui uma abrangência maior, incluindo todos os tipos de sítios possíveis, ou seja, todos os ambientes aquáticos, explorando o limite territorial do universo aquoso. Nela também são inclusos as perspectivas tecnológicas da Arqueologia náutica e sítios terrestres submersos, ou seja, busca uma visão ampla e geral que engloba todas as outras Arqueologias de ambientes aquáticos. Portanto, podemos afirmar que nossa base teórica na realização deste trabalho é Arqueologia de Ambientes Aquáticos, com ênfase na Arqueologia náutica que vai enfatizar o simbolismo da embarcação.

Rambelli, diz que um “estudo sistemático de todos os elementos, dentro do contexto, proporciona um contato direto com técnicas de construção naval, pois cada embarcação é única em seu gênero, concepção e natureza”. A arqueologia náutica, segundo o autor, é a integração de especialidades arqueológicas como a náutica, no que se refere à embarcação, a subaquática, que seria o ambiente onde o sítio está localizado e a marítima, a sociedade específica do sítio arqueológico (RAMBELLI, 2003: 98).

Sendo assim, compreender a Galileia do primeiro século é importante para o entender o barco, a tradição náutica e o contexto inserido. Portanto, sabemos pela Arqueologia Náutica que a tradição Shell-first, com um sistema de mecha-cavilha único faz parte da tradição da época e região. Pela Arqueologia subaquática, sabemos que o ambiente, desde a pré história fazia parte de uma sociedade marítima com indústria própria e pela Arqueologia Marítima compreendemos esta sociedade ao analisar as tradições judaicas e cristãs ligadas ao ambiente aquático, bem como nome de cidades associadas a atividades de pescaria.

Mas ainda se tratando de Arqueologia Náutica, ela é definida por Camargo (2009) como o estudo da tecnologia naval do material flutuante antigo, sendo que esta está inserida na Arqueologia marítima, definida por sua vez como o estudo da relação do ser humano com os cursos d'água, abrangendo aspectos materiais e simbólicos expressos tanto em jazidas submersas, emersas e na interface desses ambientes (CAMARGO, 2009:54). Esta definição aplica-se a nossa proposta de estudo do barco da Galileia no que se refere a tradição náutica e ambiente aquático.

No entanto, partes das pesquisas Arqueológicas relacionadas ao ambiente aquático abordam a tradição náutica, o contexto do naufrágio e até mesmo a vida a bordo através dos objetos cotidianos, mas exploram pouco questões simbólicas referentes a embarcação, como mitos e superstições da vida do homem do mar. Vale ressaltar que esses mitos e superstições por sua vez, interferem no seu estilo de vida e no relacionamento com o mundo.

A proposta de juntar a Arqueologia Náutica, Marítima e de Ambientes Aquáticos e fazer uma análise Arqueológica e simbólica do barco da Galileia surgiu com a necessidade de aprofundar o simbólico na Arqueologia náutica. Não que esta seja insuficiente, mas com base na proposta de Adams, fatores ideológicos influenciam em como barcos são produzidos e utilizados. Desta forma, podemos unir a Arqueologia náutica à análise simbólica e compreender melhor a embarcação, nos diversos contextos em que está inserida. Duran resalta que a filosofia é uma solução metodológica para a prática científica arqueológica (DURAN, 2008:34). Agregando a filosofia, arqueologia e antropologia, buscamos trazer uma forma diferente de compreender a cultura material e imaterial.

Para Camargo, “uma embarcação é o meio de transporte que liga uma terra a outra, não terminando em si mesma”. Ele ressalta que apesar de sua estrutura física e de seu modo de construção peculiar, a embarcação só existe para ligar uma porção de terra separada por água à outra (CAMARGO, 2009:60). Nesse sentido, podemos entender o barco como uma ponte que torna lugares acessíveis, unindo povos e porções de terra e uma comunidade flutuante. Mas também uma ligação ao desconhecido, como já mencionado, e desta forma, liga o material ao imaterial.

Pelo fato do barco da Galileia fazer parte de um contexto religioso, consideramos uma ótima oportunidade de unir a simbologia à Arqueologia, explorando a cultura imaterial da embarcação. Para tanto, além da Arqueologia Náutica, aqui abordada e as outras áreas já mencionadas, consideramos também o conceito de percepção de Tilley, que enfatiza que os objetos fazem parte do corpo e essa relação muda de acordo com o contexto em que está inserido. Sendo assim, um barco pode representar a extensão de uma casa, do seu construtor e até mesmo do seu condutor, seja ele um renomeado capitão ou um simples pescador.

Buscamos na filosofia e antropologia uma explicação mais profunda, que fosse além do significado imediato da embarcação, pois segundo Rambelli “água possui significados materiais e imaginários que variam de acordo com sociedade e seus contextos históricos culturais” sendo desta forma fundamental para compreensão de uma sociedade. Para Diegues imaginação não é formar imagens da realidade, mas imagens que ultrapassem a realidade. Este é exatamente o conceito que estamos propondo sobre a embarcação da Galileia, um barco que ultrapassa a realidade tornando-se a metáfora da vida, onde o Jesus histórico está profundamente envolvido com uma sociedade marítima, conhecedor e familiarizado com tradições e cultura, sendo estas práticas reproduzidas nos textos bíblicos, perpetuando por toda a história. Desta forma, conheceremos um Jesus histórico, carpinteiro também de barcos e reproduzidor dos costumes de uma sociedade marítima.

O ambiente aquático exerce seu fascínio desde a antiguidade e está presente nas histórias bíblicas desde o antigo testamento. A busca por “tesouros perdidos” e o sonho da riqueza fácil faz parte de uma tradição errônea que talvez seja fruto da concepção de mar como “Terra de ninguém”, “uma tradição submarina”, que fez com que a exploração de naufrágios fosse vista como algo exótico, amador e aventureiro (RAMBELLI, 2002:

14). Desde os primórdios da humanidade o homem se aventurou no mar. Na Antiguidade Clássica era comum a coleta do búzio da púrpura, um molusco que fornecia púrpura, o corante mais cobiçado da época que representava a cor da nobreza. Os mergulhadores eram profissionais respeitados e coletavam o molusco responsável pelo enriquecimento de muitos na Antiguidade. Na Roma Antiga, principalmente no período imperial, mergulhadores chamados de uniatores trabalhavam na recuperação de cargas de navios naufragados ou lançadas intencionalmente na água ou caídas durante tempestades (RAMBELLI, 2002).

No entanto, segundo Durand o ambiente aquático foi consolidado como fonte de conhecimento arqueológico inicialmente no período do Renascimento, onde o conceito de civilização encontrar-se associado ao conhecimento, sendo esse um instrumento de poder e prestígio social. A curiosidade e o colecionismo faziam parte de um comportamento antiquarista onde pessoas colecionavam objetos antigos nos gabinetes de curiosidades, estimuladas pelo fascínio às antigas sociedades da Grécia e Roma, cidades essas com uma cultura marítima intensa.

Para o autor, o surgimento da Arqueologia de Ambientes Aquáticos passou por três processos definidos como: a consolidação dos ambientes aquáticos como fonte de conhecimento arqueológico, a solução do distanciamento entre o pesquisador e o ambiente e a progressiva especialização dos objetos de pesquisa. Porém, como na arqueologia terrestre que teve seu início com aventureiros e colecionadores, mergulhadores aventureiros também fizeram parte da Arqueologia de Ambientes Aquáticos contribuindo diretamente para o seu desenvolvimento com equipamentos e técnicas que induziram ao atual mergulho arqueológico científico.

No entanto, a primeira tentativa de uma Arqueologia Subaquática científica aconteceu nos anos 50 na França, liderada por Jacques Y. Cousteau e o arqueólogo Fernad Benoit, que pesquisavam os restos de um naufrágio na região de Grand Congloué, Marselha. Na ocasião, foram retiradas milhares de ânforas intactas. Mas pelo fato do arqueólogo não ater mergulhado, anos depois, as pesquisas de laboratório comprovaram que na verdade se tratava de duas embarcações romanas, uma sobreposta a outra. No entanto, o primeiro trabalho científico na Arqueologia subaquática veio do arqueólogo-mergulhador George F. Bass, que na costa ocidental da Turquia, realizou quatro temporadas de campo, a frente do Museu da Universidade da Pensilvânia. O trabalho

também se tratava de um naufrágio (RAMBELLI, 2002). Mas o fato é que de todos os tipos de sítios inseridos no ambiente aquático como colocado anteriormente, os de naufrágio sempre serão os mais atraentes.

Contudo, aprofundar o estudo do simbólico, o imaginário e ideológico através da Arqueologia não é uma tarefa fácil principalmente em uma área onde o tudo, o que é visto, medido é a “verdade”. O “Penso, logo existo” do filósofo francês Descartes foi um lema que serviu para deixar de lado o imaginário, a fantasia e os sonhos durante muito tempo, pois estes eram considerados incertos, duvidosos, sem lógicas, irracionais e até mesmo perigosos. A razão estava em posição de destaque (Minuzzi, 2014:14).

Este quadro começou a mudar após a Primeira Guerra Mundial, onde pesquisas sobre ocultismo, surrealismo e literatura negra chamaram a atenção do público em geral, como um modo autônomo de conhecimento. Essa foi uma reação contra o racionalismo, positivismo e o cientismo do século XIX (ELIADE, 2002:5, 1ª edição publicada em 1979). No entanto, essa busca por novos conhecimentos, segundo Eliade (2002) foi um retorno a um conceito explorado de forma geral na Europa até o século XVII, onde pesquisas sobre o mecanismo das “mentalidades primitivas” revelaram a importância do simbolismo para o pensamento arcaico, bem como seu papel fundamental na vida de qualquer sociedade tradicional. Dessa forma, a Europa buscou outras vias de conhecimento e valores que não fossem as suas próprias (ELIADE, 2002:5).

Para o antropólogo Gilbert Durand (2002) o desprezo à imaginação é comum no pensamento ocidental. Por sua discordância e indignação à desvalorização do imaginário, o autor lança no ano de 1997, a obra “As Estruturas Antropológicas do Imaginário”, um sistema teórico que valoriza a importância do inconsciente, imaginação, fantasia e mitos não compreendidos pela razão (DURAND, 2002:18). Nessa obra, Durand ressalta que os estudos relacionados à imaginação revelam que o cérebro humano não funciona apenas com um sistema racional de ideias, mas com o imaginário, os sonhos e a poesia (DURAND, 1998:35-36). Para Eliade hoje compreendemos o que não era tão nítido no século XIX, que símbolos, mitos e imagens pertencem à vida espiritual e não podemos despreza-los (ELIADE, 2002:7).

Com um pensamento semelhante, o psicanalista Carl Gustav Jung, na obra “O Homem e Seus Símbolos”, publicado em 1964, fala sobre a “deusa da razão”. Segundo o autor, ela nos domina, sendo nossa maior e mais trágica ilusão. Com a ajuda da razão,

acreditamos ter conquistado a natureza (JUNG, 2008:128). Dessa forma, “continuamos a admitir que consciência é razão e inconsciência contra-senso”. Jung conta um relato sobre uma pessoa que questionou seu Rabi do “por que Deus não fala com as pessoas hoje como falava no passado. O rabi respondeu: é porque hoje em dia já não existe gente capaz de se curvar o bastante” (JUNG, 2008:129).

Jung enfatiza que “estamos tão fascinados e envolvidos por uma consciência subjetiva que esquecemos que Deus fala através de sonhos e visões”. Para ele, o budista despreza o mundo das fantasias, considerando que as ilusões são inúteis. O cristão por sua vez, coloca entre ele próprio a bíblia e sua igreja. Já o racionalista não consegue admitir que sua consciência não seja o total da sua psique. O inconsciente é um fenômeno natural como a própria natureza e nele são encontrados todos os aspectos da natureza humana: o belo e o feio, a luz e a sombra, o bom e o mau (JUNG, 2008:129, 130).

O homem utiliza à escrita ou a fala para se comunicar e essa linguagem é cheia de símbolos. Por existirem diversas coisas que estão fora da compreensão humana, usamos termos simbólicos, como uma forma de representar conceitos que não podemos definir ou mesmo compreender integralmente (JUNG, 2008:18-19). Para Eliade o pensamento simbólico não é exclusivo da criança, do poeta ou desequilibrado. Ele precede a linguagem e a razão discursiva. Símbolos revelam aspectos de uma realidade mais profunda, desafiando qualquer outro meio de conhecimento, pois imagens, símbolos e mitos não são criações irresponsáveis da psique. Possuem a função de revelar as mais secretas modalidades do ser e seu estudo permite conhecer melhor o homem (ELIADE, 2002:8).

Jung faz uma diferenciação entre símbolos e sinais. Os sinais indicam os objetos a quem estão ligados, sendo diretos. Por sua vez, símbolo é um termo, nome ou imagem que pode ser familiar, evidente e convencional, mas que, no entanto o significado pode mudar, ou seja, vai além do convencional e imediato. Sendo assim uma palavra ou imagem é simbólica quando sugere alguma coisa além do seu significado instantâneo. É mais profundo, indicando algo vago ou oculto. Isso conduz ao inconsciente mais amplo que só pode ser explicado através do símbolo. Quando a mente explora o símbolo, ela é conduzida a ideias que vão além da razão (JUNG, 2008:18 e 19).

Esse inconsciente apresentado por Jung se divide em *coletivo* e *pessoal*. O inconsciente pessoal são principalmente os complexos de “totalidade emocional que

constituem a intimidade pessoal da vida anímica”, ou seja, do fundo da alma. Já o inconsciente coletivo é classificado como arquétipos, o que consiste em representações coletivas com origens nos mitos, contos de fadas, pensamentos primitivos e imagens primordiais. É uma parte da psique que não deve sua existência a uma experiência pessoal, ou seja, é uma herança que está presente em todo o tempo e lugar. Os arquétipos se modificam através da percepção e da consciência individual pela qual é manifestada (JUNG, 2008:16, 17, 54, 82).

Para Bourdieu o poder simbólico é um poder de construção da realidade. Símbolos são instrumentos por excelência, da integração e comunicação social (BOURDIEU, 1989:9). Dessa forma, eles têm a função de unificar e são importantes não apenas pela experiência mágico-religiosa do homem, mas por fazerem parte da experiência total. Um símbolo revela sempre, em qualquer contexto, a unidade fundamental de várias zonas do real (ELIADE, 2008:368). É o caso do barco da Galileia que se tornou no cristianismo um sinônimo de travessia e segurança nas tempestades da vida, o que exploraremos mais no próximo capítulo.

Minuzzi diz que os símbolos nos alimentam através dos mitos e devaneios (Minuzzi, 2014:16). Semelhante conceito é apresentado por Jung (2008), quando fez que “os sentidos do homem limitam-se a percepção do mundo a sua volta”. No entanto, existem aspectos inconscientes na percepção da realidade, além do fato de que toda experiência contém um número indefinido de fatores desconhecidos, pois sempre existiram aspectos que ignoramos (JUNG, 2008: 21,22).

Para Tilley o mundo real é o mundo percebido e a percepção é o canal que liga o sujeito ao mundo. A perspectiva fenomenológica proporciona um embasamento ontológico, com novas abordagens e uma maneira de pensar através do corpo e da relação participativa com o mundo. Seria uma tentativa, através da fenomenologia, de descrever os objetos da forma como são apresentados a consciência. Dessa forma, o mundo é revelado como é experimentado, de modo direto, da maneira como nós o experimentamos. Não seria o “eu penso, logo existo” de Descartes, mas o “eu me relaciono, logo existo” (TILLEY,2014).

Da experiência do corpo fluem todas as experiências. O corpo humano, da mesma forma que é objeto, é também sujeito, tornando-se a única maneira de estar no mundo. Portanto, a consciência é corporal e a única forma de sentir o mundo é através da

percepção, do corpo sensorial que envolve todos os sentidos. Conhecer, conforme proposto por Tilley é sentir e perceber através dos sentidos. Dessa forma são entendidos lugares, paisagens e objetos. Os lugares e seus significados são ordenados a partir do corpo. Os objetos também podem fazer parte do corpo. Sendo assim, coisas, lugares e paisagens têm agência e biografia. O conhecimento de algo é fundamentado na relação corporal, podendo variar de acordo com o contexto em que está inserido (TILLEY, 2014).

Apesar de concepções diferentes, o conceito de simbolismo proposto por Geertz (1978) se assemelha ao conceito de percepção de Tilley. Para Geertz os símbolos e elementos simbólicos “são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças” (GEERTZ, 1978:105). Os egípcios, por exemplo, pensavam o mundo a partir de suas experiências com o ambiente em que viviam: o deserto fertilizado pelas águas do Nilo (FUNARI, 2009:13). Dessa percepção de mundo e da maneira como ele é concebido Marilina C.O.B Serra Pinto diz que,

Reintegrar valores e conhecimentos baseados nos saberes da tradição implica na inserção das culturas preteridas pelo paradigma dominante da ciência no debate acadêmico concernente à produção do saber. Significa aceitarmos que há outras concepções de mundo capazes de desenvolver instrumentos eficazes para atuar com competência sobre a realidade (Pinto, 2008:13).

Para Bachelard, “a imaginação inventa mais do que coisas e dramas”, inventa mente nova, abrindo os olhos, proporcionando uma nova visão. A imaginação se desenvolve em duas linhas diferentes: uma através da novidade, com a variedade e acontecimentos inesperados e a outra escavando profundamente nosso ser, no desejo de encontrar o primitivo e eterno. (BACHELARD, 1998:1, 2 e 18).

O inconsciente humano é expresso através do mitológico, religioso, do artístico além de outras atividades culturais. Nelas os arquétipos, as fantasias e os símbolos surgem (JUNG e FRANZ, 2008:421). Portanto, para uma íntegra compreensão do homem, faz-se necessário analisar tanto o passado, quanto o presente; e nesse sentido é essencial à compreensão dos mitos e símbolos (JUNG, 2008).

CAPITULO 2.1 - MERGULHANDO FUNDO, PROFUNDO.

“Sonhando perto do rio, consagrei minha imaginação à água, à água verde e clara, à água que enverdece os prados. Não posso sentar perto de um riacho sem cair num devaneio profundo, sem rever a minha ventura... Não é preciso que seja o riacho da nossa casa, a água da nossa casa. A água anônima sabe todos os segredos. A mesma lembrança sai de todas as fontes”.

(Gaston Bachelard)

O passado da alma é como águas profundas (BACHELARD, 1998:55). Mergulhando nessa profundidade e com base nos conceitos apresentados, vamos navegar no imaginário das águas, o que se faz necessário, porque em águas misteriosas navegam todas as embarcações. As “águas são habitadas por seres sobrenaturais que as protegem, como Oxum, orixá das águas, a Mãe d’Água, os caboclos da Amazônia, Yemanjá, as sereias e os monstros marinhos” (DIEGUES, 2007:1).

Em águas misteriosas navegou o barco da Galileia, no lago, conhecido como Mar! Faz-se necessário essa análise do simbolismo aquático porque, como já mencionado, a Galileia era formada por uma encruzilhada de Impérios, inclusive helenístico. Dessa forma, precisamos compreender elementos que possivelmente estiveram envolvidos nessa mistura de crenças. Outro fator é que a água, além de incorporar elementos cosmológicos, faz parte do mundo náutico, tanto em funcionalidade, quanto no que se refere ao simbolismo.

Segundo Eliade (2008), a água é a matriz de todas as possibilidades de existência, fonte de todas as coisas e de toda existência, o fundamento do mundo inteiro. Águas são forças criadoras e o princípio da cura. (ELIADE, 2008:153). Esse conceito assemelha-se ao de Bachelard (1998) que compara à água a mulher, o elemento feminino, elemento mais constante, simbolizando as forças humanas mais escondidas e simples (BACHELARD, 1998:6). Eliade diz que o conjunto água, lua e mulher estão presentes como um ciclo antropocósmico da fecundidade. Esse simbolismo aquático ou lunar integra tudo o que é vida e morte (ELIADE, 2008:154 e 369).

Sobre a fecundidade associando a lua, água e marés, Eliade ressalta,

Não só porque estão submetidas aos ritmos (chuva, maré) também porque são germinativas, as águas são comandadas pela Lua. “A lua está nas águas e “da Lua vem à chuva”, eis dois motivos de fundo da especulação indiana. O nome Apâmnpât, o “filho da água”, era primitivamente o de um espírito da vegetação, mas mais tarde foi aplicado igualmente à Lua e ao néctar lunar, o soma. Ardisûra Anâhitâ, deusa iraniana das águas, era deusa lunar. Sin, deus babilônico da Lua comandava igualmente as águas. Um hino evoca a sua fecunda epifania: “Quando tu vogas nas águas semelhantes a uma barca”... o puro rio Eufrates sacia-se de água...” (ELIADE, 2008:132).

Diegues (2007) enfatiza que a água é o plasma sendo a água doce, lacustre, estagnada, feminina, e o oceano, escumante, fecundante, masculino (Diegues, 1998:12). Outros autores compreendem o mar calmo como feminino e o mar furioso masculino. As águas das nascentes simbolizam a pureza e a inocência e por isso devem ser especialmente respeitadas, sob a pena de graves castigos quando violadas (DIEGUES, 2007:1). As águas exercem a mesma função na cosmologia, no mito, no ritual e na iconografia: em qualquer conjunto cultural, precedem qualquer forma e suportam qualquer criação (ELIADE, 2008:153).

A imersão na água significa o regresso, o novo nascimento e a regeneração total. Ela cura por um ritual mágico e assegura o novo nascimento por rituais funerários. Os rituais associados à lua e águas são guiados pelo mesmo propósito: apontam para o aparecimento e desaparecimento periódicos (ELIADE, 2008:153). Bachelard diz que o sofrimento da água é infinito, pois ela morre a cada minuto. A morte cotidiana é a morte da água que sempre cai e sempre acaba na morte horizontal (BACHELARD, 1998:7).

Da água como fonte de vida, Eliade (2008) afirma que nela existe o vigor, a eternidade e o elixir mágico da juventude. Essa água na mitologia é guardada por monstros que são seus guardiões. Sendo assim, a “água da vida” rejuvenesce e dá vida eterna (ELIADE, 2008:158). Nos evangelho de João, capítulo quatro, versículo 14 é apresentado uma associação semelhante à água da vida descrita por Eliade. O texto diz: “... mas quem beber da água que eu lhe der nunca mais terá sede. Ao contrário, a água que eu lhe der se tornara nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna” (Bíblia NVI, 2013).

As águas purificadoras também exercem o papel de regeneração, pois da mesma forma que anulam a história, têm o poder de restauração, mesmo que por um momento. Nos rituais das “grandes deusas” da agricultura e fecundidade, as estatuetas delas eram

mergulhadas nos rios ou lagos, trazendo assim prosperidade na colheita. Esse mesmo ritual foi realizado entre os fenícios e cretenses. No cristianismo, desde o século XIII existe uma prática de mergulhar um crucifixo, imagem da “Virgem Maria ou dos santos” para conjurar à seca e obter chuva. Essa prática se estendeu até o século XIX e XX (ELIADE, 2008:159). Pela tradição oral, até mesmo o ato de lavar a imagem de uma divindade deve ser feito com cautela, pois pode trazer fortes chuvas.

Mas existe um ritual comum em quase todas as religiões: o batismo. Para Eliade, este é um símbolo imemorial e ecumênico. Ele funciona como um instrumento de purificação e foi aceito no cristianismo acrescentado por novos valores religiosos. Para o autor, o ato da imersão no batismo equivale ao enterramento de Cristo. Simbolicamente o homem morre através da imersão, renascendo em seguida purificado e renovado.

No batismo é revelada a situação do homem no cosmos, valorizando ao mesmo tempo a sua posição perante a divindade e história (ELIADE, 2008:160 e 161). Na concepção bíblica, o batismo tem a função de purificar os pecados, pois é dito que: “Assim, apareceu João, o Batista, no deserto, pregando o batismo de arrependimento para remissão dos pecados” (Marcos 1:4).

Se na água do batismo o homem morre e renasce regenerado, no ritual funerário que envolve água, o morto tem a sede saciada. Nas diferentes compreensões da morte, o falecido não morre definitivamente, mas entra em um estado de regressão, na expectativa de retorno ao ciclo cósmico ou da libertação definitiva de sua alma. (ELIADE, 2008:161).

A parábola bíblica de Lázaro e do homem rico, descrita no evangelho de Lucas 16, diz que certo homem rico morreu e foi sepultado. No *Hades*, sendo atormentado (*Figura 15*), olhou para cima e viu de longe Abraão. Então pediu ao pai Abraão que deixasse Lázaro, um mendigo que teve uma vida de sofrimento e humilhação, mas que agora estava no céu, molhar a ponta dos dedos na água e refrescar sua língua, pois o homem rico, estava sofrendo no fogo e na tormenta, com muita sede (Bíblia NVI, 2013).



Figura 18: Quadro representativo da parábola do mendigo Lázaro e o homem rico.

Fonte: <http://anunciacaoortodoxa.blogspot.com.br> .

Ainda sobre a morte, Bachelard ressalta que,

A água é o elemento da morte jovem e bela, da morte florida, e nos dramas da vida e da literatura é o elemento da morte sem orgulho nem vingança, do suicídio masoquista. A água é o símbolo profundo, orgânico, da mulher que só sabe chorar suas dores e cujos olhos são facilmente "afogados de lágrimas". O homem, diante de um suicídio feminino, compreende essa dor funérea por tudo o que nele, como em Laertes, é mulher. Volta a ser homem — tornando-se outra vez "seco" — depois que as lágrimas secam (BACHELARD, 1998:85).

Ele completa dizendo que “a morte é uma viagem e a viagem é a morte”. “Partir é morrer um pouco” e “morrer é verdadeiramente partir”, mas, no entanto, só poderá partir bem e com coragem, seguindo o fluir da correnteza do largo ou rio. Essa é, segundo o autor, uma morte fabulosa e “todos os rios desembocam no Rio dos Mortos”. A água fechada acolhe a morte em seu seio tornando-a elementar (BACHELARD, 1998:81). É como se a vida começasse nas águas e terminasse nelas. Não seria um “do pó viemos e ao pó voltaremos”, mas “da água nascemos e por ela partiremos”.

Barcos compõem esse cenário da viagem da morte. Eles são considerados o transporte do pós vida e o meio para se chegar nela. Um exemplo dessa simbologia pode

ser visto nos sepultamentos envolvendo embarcações. Bachelard, afirma que toda alma, seja qual for o gênero, deve subir na barca de Caronte (BACHELARD 1998:81).

No entanto, os que morrem no mar são vistos como almas que vagam no infinito. Deixam a dor da saudade e a ausência da despedida. Os que morrem no mar negam a seus familiares o direito de construir túmulos para chorar ou mesmo levar flores. Não retornam ao pó da terra, apenas voltam às águas. A “água é o túmulo, tanto dos homens quanto do fogo” (BACHELARD, 1998:81). Bachelard acrescenta que,

Aos que morreram no mar liga-se outro sonho, um devaneio especial. Deixam na aldeia viúvas que não são como as outras, "viúvas de frente branca" que sonham com o Oceano Nox. Mas a admiração do herói dos mares não pode, também ela, fazer calar os queixumes? E por trás de certos efeitos de retórica não haverá o traço de um sonho sincero nas imprecações de Tristan Corbière? Assim, o adeus à beira-mar é simultaneamente o mais dilacerante e o mais literário dos adeuses. Sua poesia explora um velho fundo de sonho e de heroísmo. Desperta em nós, sem dúvida, os ecos mais dolorosos. Todo um lado de nossa alma noturna (BACHELARD, 1998:77).

Corbin, diz que o oceano cinzento, fúnebre e frio, “sintetiza as formas do medo; alimenta o temor de sermos surpreendidos pela morte imprevisível”. Dessa forma, quem morre no mar é privado dos últimos sacramentos, longe do círculo familiar e assim, tem o corpo e alma, entregues sem sepultura, as ondas infinitas que não conhecem nenhum repouso (CORBIN, 1989:18).

Mas virando a boroeste, deixaremos esse “mar sombrio” da morte e navegaremos nas águas miraculosas que curam. De acordo com Eliade (2008), encontramos ao longo da história da humanidade numerosos cultos relacionados ao valor sagrado da água que incorpora em si o elemento cosmológico. A água corre, cura, inspira, profetiza e agita-se, sendo assim um “ser vivo”. No entanto, por si próprio uma fonte ou rio possui o poder da vida. Esse culto às águas, em especial, as fontes de águas curativas, apresentam uma continuidade sendo que, o mais curioso é que nenhuma revolução religiosa pode aboli-lo e foi tolerado até mesmo pelo cristianismo (ELIADE, 2008:163). Dessas fontes de águas miraculosas, Diegues explica que elas fazem parte da devoção e práticas religiosas até os dias atuais, destacando que,

Lugares de onde vertem as águas, como as fontes e as grutas são consideradas sagradas e que não podem ser contaminados. Muitos deles foram transformados, desde a Antiguidade em locais de culto e devoção. Mesmo no Brasil, muitas imagens milagrosas foram encontradas nos rios, como N.Sra. Aparecida e N.Sra de Nazaré, Bom Jesus de Pirapora e outros nas águas do Mar (Bom Jesus de Iguape). (Diegues, 2000), dando origem a práticas religiosas e centros de peregrinação relacionada com as águas doces e salgada. (DIEGUES, 2007:5)

Uma fonte miraculosa também é citada no texto bíblico. No evangelho de João no capítulo cinco encontra-se a história do Tanque de Betesda, um local conhecido em Jerusalém que costumava reunir-se grande número de pessoas enfermas. Na história é relatado que,

Ora, em Jerusalém, próximo à porta das ovelhas, há um tanque chamado em hebraico de Betesda, o qual tem cinco alpendres. Nestes jazia grande multidão de enfermos, cegos, mancos e ressecados, esperando o movimento das águas; Então, o primeiro que ali descia, depois do movimento das águas, sarava de qualquer enfermidade que tivesse. (João 5:2 ao 4, Bíblia NVI, 2013).

Na Inglaterra, próximo a túmulos pré-históricos e monumentos megalíticos foram encontradas fontes que a população considera miraculosas. Os oráculos também estão muitas vezes situados próximos a fontes de água (ELIADE, 2008:163).

CAPITULO 2.2 – EM ÁGUAS MISTERIOSAS.

“Nos sonhos ou nas fantasias, o mar ou toda extensão vasta de água designa o inconsciente. O aspecto maternal da água coincide com a natureza do inconsciente no sentido em que este último (sobretudo no homem) pode ser visto como a mãe, a matriz do inconsciente. Assim, quando se interpreta no plano do sujeito, o inconsciente tem, como a água, um significado maternal”.

(Jung, 1993:352)

Mas nesse universo simbólico das águas, sem dúvida o mar é o mais fascinante, pois como descreve Joseph Conrad 1874, ele “joga com os homens até que seus corações se quebrem e consome valorosos navios até a morte. Não se pode tocar persistente amargura de sua alma. Aberto a todos e fiel a nenhum, ele exerce seu fascínio para perdição do melhor” (CONRAD, 1999). É interessante como o mar é concebido simbolicamente pelas sociedades. Às vezes tenebroso, às vezes um calmante. Trás medo e ao mesmo tempo paz. Aprisiona a alma da mesma forma que concede liberdade.

Para Fonseca o medo do mar, principalmente na idade média, vem do texto bíblico de Gênesis no capítulo 1, versículo 21 que diz: “Criou, pois, Deus os monstros marinhos, e todos os seres vivos que se arrastavam, os quais as águas produziram abundantemente segundo as suas espécies; e toda ave que voa, segundo a sua espécie” (Bíblia Almeida RC). Outras versões dizem que Deus criou os grandes animais aquáticos ou grandes baleias. No entanto, além do texto bíblico, o mar é um elemento adverso, destruidor e avassalador (FONSECA, 1992:38).

Para Corbin, o conceito bíblico de mar, principalmente no que se referem aos livros de Gênesis, Salmos e Jó, são os que marcam, de forma profunda, as concepções de mar. Segundo ele, o relato de Gênesis impõe a visão do "Grande Abismo", lugar de mistérios insondáveis e entrar nos mistérios do oceano consistem definitivamente em sacrilégio, tanto quanto sondar a natureza divina (CORBIN, 1989: 11e12).

Porem existe um texto bíblico em Miqueias capítulo 7 que diz que “de novo terás compaixão de nós, pisarás as nossas maldades e atirarás todas nas profundezas do mar” (Bíblia NVI, 2013). Esse conceito pode ser visto na letra da música, que diz:

Mas eu sei que existe o fundo do mar, o lugar pras minhas mágoas lançar, pra perdoar, me libertar e nunca mais lembrar. São essas águas turvas que vou procurar, quando a amargura me sondar, pois nelas, Tua graça afogou os erros meus. A Tua perfeição se estende desde o céu. Até o escuro do oceano tornando invisível o que eu lá deixei.

(letra: *Cecília Bessa*; *Musica de Laura Morena*).

Talvez este seja um dos motivos que tornem o mar um lugar tenebroso, pois, além dos monstros marinhos e criaturas sombrias que mitologicamente existe lá, são deixadas mágoas, pecados nas profundezas. Sendo assim, quem gostaria de revê-los? Diegues diz que a definição bíblica de mar é de um lugar terrível, símbolo da hostilidade de Deus, enfatizado pelo vidente do apocalipse que canta com alegria sobre um mundo novo onde o mar já não existe (DIEGUES, 2007:12).

Para Corbin, o oceano é uma parte inacabável da criação divina, um prolongamento do caos, símbolo da desordem anterior à civilização, pois segundo o autor o oceano nos tempos pré-diluvianos era contido com dificuldade em seus limites. Corbin diz que o oceano seria uma lembrança da catástrofe do dilúvio e por isso é visto com temor (CORBIN, 1989:12).

Por essa concepção, o oceano seria um lugar de monstros, um mundo condenado onde habitam criaturas malditas sendo agitado por poderes demoníacos. O mar em fúria para Corbin possui um caráter demoníaco e, portanto se faz necessário um exorcismo. Marinheiros portugueses e espanhóis do século XVI tinham o costume de lançar relíquias às ondas para acalmar as tempestades, pois somente a “Virgem Maria ou São Nicolau poderia fazer o mar se acalmar” (CORBIN, 1989:12).

O costume de jogar imagens de divindades ao mar para expulsar demônios lembra a história bíblica de Jonas, onde, fugindo da presença do Deus de Israel, entrou em um navio em direção a cidade de Társis. No percurso, sobreveio uma grande tempestade que ameaça afundar o navio. Os marinheiros desesperados procuravam a causa do infortuno, e lançando a sorte, caiu sobre Jonas. Ele assumiu que o problema seria ele mesmo e sugeriu que, para acalmar e a ira de Deus, o lançassem ao mar (BIBLIA, NVI).

Além de criaturas monstruosas que habitam no mar, existem outras lendas. Bachelard menciona as velhas lendas bretãs, onde surgem incessantemente navios-fantasmas e navios-infernos como o *Holandês Voador* (Figura 19). Navios naufragados

também podem "voltam", o que sugere que o barco forma um todo com as almas. O barqueiro do Hades, chamado de Caronte, sempre procura nas águas seus substitutos. A sabedoria popular aconselha aos navegantes que não subam num barco desconhecido (BACHELARD, 1998:80).



Figura 19: Figura representativa do barco Holandês Voador. Fonte: curiososnomundo.blogspot.com

Já Diegues faz referencia as lendas das sociedades secretas chinesas, mencionando uma navegação que conduzia à Cidade da Paz ou ao Mercado da Grande Paz, Shankaracharya. Essa lenda chinesa menciona uma travessia do mar das paixões até chegar à Tranquilidade. Para o Buda, quem atravessa o oceano da existência é chamado de o “*Grande Navegante*”. (DIEGUES, 2007:13)

É comum nesse universo simbólico aquático, os elementos água e barco se tornarem uma representação da vida humana. Corbin (1989) ressalta que a vida é concebida como uma travessia que se desenrola em um mundo tão instável como o mar. Esse pensamento esteve presente nas poesias francesas do século XVI, onde o mundo era construído simbolicamente nas ondas do mar e destruído no oceano de invejas. A pintura de marinha flamenga e holandesa, por exemplo, foram construídas seguindo esse simbolismo do mar, onde “as ondas representam a fragilidade da vida e a precariedade das instituições humanas, atestam dessa forma, para a necessidade da fé em Deus” (CORBIN, 1989:18 e 19).

Esse simbolismo segundo Corbin permanece no século XVII, onde a pintura romana, especificamente a pintura de Lorrain, vai seguir a mesma linha simbólica e religiosa do mar, sendo a Igreja representada pela a figura do *barco* e o Espírito Santo o

Timoneiro que conduz ao porto eterno. O pecado faz derivar, para longe da rota da salvação. O mar também é visto como o purgatório e as tempestades durante a travessia de barco representam uma punição, que conduz ao arrependimento e retorno ao caminho correto (CORBIN, 1989:19).

Interessante notar como os elementos água, pesca, mar e barco estão presente nessas simbologias religiosas. O barco da Galileia não é diferente, pois incorpora símbolos e significados variados. Ele foi encontrado em 1986, como mencionado, as margens do lago da Galileia e datado do primeiro século. A importância da descoberta deve-se ao fato de que pouco se conhece sobre as embarcações que navegaram no Mar da Galileia nesse período, além de pertencer à época em que nasceu o cristianismo. O lago foi no passado o pano de fundo para os ensinamentos de um homem que serviu de inspiração para a fundação de uma das três principais religiões do mundo (WACHSMANN, 2000: 57).

O cristianismo absorveu o ambiente aquático e o barco não é apenas uma embarcação que fez parte deste contexto histórico religioso. Ele é a metáfora da travessia, a “segurança em tribulações da vida”. Neste sentido, além de uma tradição náutica com características específicas da região, ele incorpora o sagrado e religioso e vai ser reproduzido nos ritos do cristianismo.

E com esta breve análise sobre o simbolismo busco ressaltar a importância do Ideológico e Simbólico para o trabalho arqueológico. Pretendo compreender quais sentidos são incorporados ao barco da Galileia e as diferentes simbologias que o envolvem. Buscarei analisar o significado que o barco e seus elementos carregaram ao longo da história. Como o barco foi construído? Existe algum elemento simbólico nele ou na construção? Dessa forma, convido ao leitor a embarcar comigo rumo a águas desconhecidas, buscando o porto do conhecimento, pois segundo Bachelard, o passado da nossa alma consiste em águas profundas!

CAPÍTULO 3 - UM BARCO ESQUECIDO NA PRAIA. ESQUECIDO?

*A minha vida é um barco abandonado
Infel, no ermo porto, ao seu destino.
Por que não ergue ferro e segue o
atino, de navegar, casado com o seu
fado?*

(Fernando Pessoa)

“A vida é um barco” diz Fernando Pessoa. Você já se sentiu a deriva? Ou em um Mar Revolto? Ou já ouviu a expressão: “Sai desse barco furado, amigo!”. Pois é, isso me faz questionar o quanto um barco é a extensão do seu dono ou do seu construtor, ou o quanto nos sentimos como um barco a deriva! Mas esse inconsciente coletivo, chamado de arquétipo por Jung, explica essas expressões populares. Para Jung, isso faz parte do nosso pensamento primitivo, originado em mitos, que se modificam através da percepção (JUNG, 2008:16, 17 e 81), como apresentado anteriormente.

Para Hoskins, existem contextos onde as pessoas podem parecer assumir atributos das coisas e as coisas podem parecer atuar quase como pessoas, o que ela define como sendo Agência e Biografia dos objetos. A autora cita os estudos de sistemas de trocas tradicionais de Boas e Malinowski, onde, seguindo essa perspectiva, mas de forma detalhada, observam como os objetos podem ter um gênero, nome, história e função ritualística (HOSKINNS, 2005:74). O barco da Galileia traz esse simbolismo religioso, despertando um inconsciente que pode levar um indivíduo a se sentir como um barco a deriva, sendo uma metáfora da vida.

Jung traz uma abordagem semelhante ao conceito de Hoskinns, onde uma embarcação é sempre chamado de “ela”, sendo o capitão do navio, o “marido”, o que pode explicar o fato de que, de acordo com a tradição, o capitão deve afundar com a embarcação quando “ela” naufraga, ou seja, morrer com sua esposa (JUNG, 2008:243). Para Rich, (2013) navios, além de possuírem, na maioria das vezes um nome feminino, são quase universalmente atribuídos ao gênero feminino. Na sociedade atual, os objetos são vistos pelo valor monetário, mas no passado, nossos ancestrais observavam os objetos pela presença espiritual incorporada neles (RICH, 2013:1).

O barco da Galileia tem esta característica. Ele incorpora uma ideologia sendo associado a Pedro ou ao próprio Jesus. Vale ressaltar que o cristianismo não existia nesta época, sendo uma construção posterior ao Jesus histórico. No entanto, o barco remete ao simbolismo do mar, como proposto por Corbin (1989), onde as ondas representam a fragilidade da vida e a precariedade das instituições humanas, atestando para a necessidade da fé em Deus (CORBIN, 1989: 18,19). Bachelard (1998) diz que nas velhas lendas bretãs, muitas vezes navios naufragados voltam, provando que de certa forma, barcos formam um todo como as almas (BACHELARD, 1998: 80,81). E o barco da Galileia, de certa forma voltou, assim como a lenda do Holandês Voador.

Durand, diz que o “Holandês Voador” é a sobrevivência tenaz dos valores mortuários do barco e que toda barca é um navio fantasma, atraída pelos valores terríficos da morte (DURAND, 2002: 250). O barco da Galileia pode não mais navegar em águas, mas navega no imaginário cristão, escavando, como diria Bachelard, o profundo do ser e levando ao encontro do primitivo e eterno (BACHELARD, 1998: 12,18).

O estudo do simbolismo de embarcações é um desafio para a arqueologia. Para Rich, no mundo moderno, temos a tendência de estudar separadamente religião e ciência. No entanto, ao trazer esses dois juntos, poderemos compreender melhor, a forma de como as sociedades antigas percebiam seu ambiente e cosmos de forma geral (RICH, 2013:161). Para Adams, os significados e sentidos daqueles que construíram e utilizaram embarcações têm sido pouco explorado pela arqueologia (ADAMS, 2001:301).

As barreiras ideológicas não são impermeáveis e estão sob constante influências externas e tendências humanas para refinar ou inovar (ADAMS, 2001:301). Eliade (2002) enfatiza que a história acrescenta continuamente novos significados, mas que, no entanto não pode destruir a estrutura do símbolo (ELIADE, 2002:161). O processo de produção da embarcação fornece uma base racional de como ele é alterado ao longo do tempo ou em diferentes contextos, seja por causas ambientais, sociais ou ideológicas. Os fatores ideológicos vão influenciar também em como o barco é produzido, adornado e utilizado (ADAMS, 2001:301 - 302).

Dessa ciência popular fascinante, Diegues afirma que,

De um lado está o saber acumulado das populações tradicionais sobre os ciclos naturais, a reprodução e a migração da fauna, à

influencia da lua nas atividades de corte da madeira, da pesca, sobre os sistemas de manejo, dos recursos naturais, as proibições do exercício das atividades em certas áreas ou períodos do ano, tendo em vista a conservação da espécie. De outro lado está o conhecimento científico, oriundo das ciências naturais que não apenas desconhece, mas despreza o conhecimento tradicional acumulado (DIEGUES, 2004:71)

Portanto, símbolos, mitos e imagens pertencem à vida espiritual e não podem ser desprezados (ELIADE, 2002:7), pois como proposto por Durand, o cérebro humano não funciona como um sistema racional de ideias (DURAND, 1998: 35,36). No mundo antigo, os navios foram associados a entidades divinas, bem como a madeira utilizada na construção. Essas divindades exerciam poder sobre o tempo, corpos celestes, árvores, e claro, sobre o mar, simbolizadas ou incorporadas embarcações. O Cedro do Líbano, por exemplo, foi o tipo de madeira mais utilizada no mundo antigo na construção naval. Como tantos outros aspectos da vida antiga, a escolha de utilizar a madeira de cedro e qual floresta retirar a matéria prima, consistia em uma prática ritualística (RICH, 2013:1).

Quanto ao simbolismo da árvore, Durand, ressalta que ela é muitas vezes imaginada como o pai do fogo, associado à regeneração. A árvore encontra-se integrada também às águas fertilizantes e a árvore da vida. A cruz cristã, como madeira erguida, é identificada como uma árvore. Tanto na iconografia, como pela lenda, torna-se uma escada para ascensão. Na lenda da cruz, é inserido o simbolismo da bebida da eternidade, o fruto da árvore ou da rosa que floresce na madeira morta. No judaísmo a árvore esta ligada ao ciclo do milênio, uma velha esperança judaica no reino eterno, messiânico que será estabelecido na terra (DURAND, 2002: 328, 331, 339, 344).

Bachelard , ressalta que ao nascer todo homem é consagrado ao vegetal e possui uma árvore pessoal. Quando recolocado no coração do vegetal é devolvido ao seio vegetante da árvore e dessa forma, o cadáver é entregue ao fogo, ou a própria terra, ou entregue a água, abandonado nas ondas. Esse simbolismo lembra o caixão fúnebre e o próprio barco de madeira. O autor cita o conceito de Jung que diz que, a árvore é antes de tudo um símbolo maternal, assim como a água. Colocando o morto no seio da árvore, confiando a árvore ao seio das águas, duplicam-se, de certa forma, os poderes maternos. Dessa forma, vive-se duplamente o mito do sepultamento, pelo qual se imagina que "o morto é devolvido à mãe para ser re-parido" (BACHELARD, 1998: 74 E 75). Nota-se

que a árvore se assemelha, em certo sentido, a um barco que irá conduzir o morto ao pós-vida, o próprio complexo do Caronte, barqueiro da morte, mais uma vez expresso.

Mas ainda sobre a madeira, na antiguidade, o cedro era encontrado nas estruturas de palácios, templos e sarcófagos. Era uma madeira de grande durabilidade, símbolo da pureza, prestígio e imortalidade e por esse motivo foi amplamente utilizada, concedendo aos objetos um senso de imortalidade (RICH, 2013:14 e 162). No Egito, a construção de barcos, especialmente os construídos na cor vermelha, na simbologia do “cedro imortal”, representavam uma divindade solar, sendo que, em alguns contextos, o barco incorporava a própria divindade. Da mesma forma, os cananeus atribuíam poderes divinos as embarcações. A proteção era para o domínio sobre o mar, clima, estrelas, futuro e a mortalidade. Portanto, a embarcação de madeira simbolizava o domínio sobre forças desconhecidas da natureza, um mediador entre o mar e o céu. (RICH, 2013:110 e 112)

Para Rich, no que se refere à linguística, embarcações significam transporte e são metáforas. De acordo com a autora, a palavra metáfora significa “para levar em frente”, que é exatamente o que os barcos fazem, transportam e transferem pessoas, objetos e ideias de um local para outro. A vida a bordo é um rito de passagem, pois a embarcação, juntamente com seus marinheiros, se atiram aos ventos e ondas imprevisíveis, ao mesmo tempo em que esses atuam em conjunto com corpos celestes fornecendo significantes culturais (RICH, 2013:63). Quanto a isso, Bachelard diz que para se enfrentar a navegação é necessário que existam interesses poderosos, interesses que sonhamos e não calculamos. São interesses fabulosos, sendo que o herói do mar é um herói da morte, pois o primeiro marujo é o primeiro homem vivo que foi tão corajoso como um morto (BACHELARD, 1998: 76). Já dizia Platão, “existem três tipos de homens: os vivos, os mortos e os que andam no mar”.

Para Bachelard, todas as almas, seja qual for o gênero do funeral, devem subir na barca do Caronte, que está sempre pronta, esperando a noite chegar. Não é apenas uma embarcação, mas várias. Essas barcas, carregadas de almas, estão sempre a ponto de naufragar, porque as almas são culpadas e pesam! O destino é sempre o mesmo, o inferno e “não existe barqueiro da ventura”. Para o autor, a barca é associada ao sofrimento humano (BACHELARD, 1998:81e 82). No Egito Antigo, barcos também conduziam as almas. Segundo Rich, as barcas solares exerciam o papel de transportar o falecido através

do céu. Seria como já mencionado, uma espécie de transporte funerário, movendo a múmia desde o lado oriental do Nilo até o lado oeste (RICH, 2013:71).

Para Adams, embarcações também entram no registro arqueológico como consequência de formas de ação social. Uma dessas formas é a utilização de navios em enterros, como recipientes para o corpo e os bens do falecido, fazendo parte de um componente simbólico do ritual funerário. Nesse aspecto, o Egito tem fornecido um dos melhores tipos de arqueologia náutica (conforme figura 20). Adams afirma que o fato de como os navios foram utilizados e elaborados, implica em significados simbólicos consideráveis em suas respectivas sociedades (ADAMS, 2001: 294).



Figura 20: Navio Mortuário de Queops. Fonte: cronai.wordpress.com.

Até recentemente, no entanto, os aspectos de sepultamentos envolvendo embarcações, juntamente com o significado das pessoas enterradas, têm sido pouco considerados, pois o foco maior está nos próprios navios como entidades tecnológicas. Além desses enterros de status elevados, existem também pequenos barcos que foram utilizados em muitas outras sociedades como sepulturas. Essa mudança de função dos barcos causou discussões na comunidade científica. Segundo Adams (2001), as razões para essa deposição são provavelmente tão variadas quanto às teorias oferecidas para

explicá-los. Alguns sítios depositários são interpretados como sendo principalmente funcionais, por exemplo, mas sem dúvidas existe um significado simbólico para essas atividades ritualísticas (ADAMS, 2001: 294,295).

Rambelli, diz que estes sítios depositários são formados por depósitos intencionais de artefatos no ambiente aquático, variando de acordo com as tradições culturais e ritos de oferendas. No entanto, ele destaca que “todas os grupos humanos que se estabeleceram junto à água, ao longo da história, utilizaram, além de fonte de abastecimento, como lugar de oferenda a suas divindades” (RAMBELLI, 2002:44). Uma sociedade que utilizou barcos em rituais funerários foram os Vikings (conforme figura 21). Assim como os egípcios, essas embarcações estão associadas a divindades e a jornada da alma ao além. Esses sepultamentos são indicativos de poder, prestígio e elevação social dentro da comunidade de origem (LANGER, 2005:116).

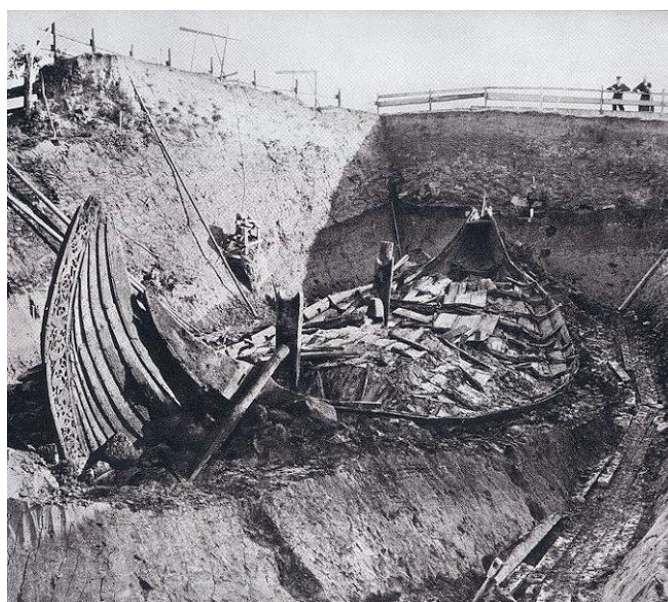


Figura 21: Foto da escavação em Oseberg, 1904, a inumação Vikings mais famosa.
Fonte: www.museudeimagens.com.br.

CAPÍTULO 3.1 – UM BARCO, DA GALILEIA.

“Carpinteiro do universo inteiro eu sou
 Não sei por que nasci
 Pra querer ajudar a querer consertar
 O que não pode ser
 Não sei pois nasci para isso, e aquilo
 E o inguiço de tanto querer
 Carpinteiro do universo inteiro eu sou
 Carpinteiro do universo inteiro eu sou
 Estou sempre
 Pensando em aparar o cabelo de alguém
 E sempre tentando mudar a direção do trem
 À noite a luz do meu quarto eu não quero
 apagar
 Pra que você não tropece na escada, quando
 chegar
 Carpinteiro do universo inteiro eu sou”
 (Raul Seixas)

O barco da Galileia é considerado no mundo científico um achado importante, porque até então, não havia sido encontrado nenhuma embarcação na região que fosse da época do primeiro século. Essa descoberta foi interpretada de imediato pelos cristãos da seguinte forma: se os discípulos do Jesus histórico eram pescadores, no mar da Galileia, então o barco pode ter sido de Pedro, ou de um deles. Segundo Wachsmann esta hipótese tomou conta da mídia e a possibilidade de se haver descoberto um objeto do contexto do Jesus histórico, ganhou destaque.

Wachsmann ressalta que a descoberta do barco passava uma mensagem importante para o cristianismo. O achado permitiu conhecer o a tecnologia náutica, bem como um pouco da cultura deste período. No entanto, Wachsmann, responsável pela pesquisa arqueológica, diz que não olhava para o barco como a maioria das pessoas, como sendo um símbolo de adoração. Para ele, aquela era apenas mais um artefato representante da tecnologia antiga, uma contribuição para a história bíblica, não um ícone sagrado (WACHSMANN, 2000: 142).

Mas a associação do barco da Galileia ao sagrado, está presente nas letras de músicas cristãs, como por exemplo, na musica do Padre católico Zezinho, que diz:

Há um barco esquecido na praia, Já não leva ninguém a pescar, é o barco de André e de Pedro

Que partiram pra não mais voltar, quantas vezes
 partiram seguros, enfrentando os perigos do mar
 Era chuva, era noite, era escuro, mas os dois precisavam
 pescar. De repente aparece Jesus
 Pouco a pouco se acende uma luz, é preciso pescar
 diferente, que o povo já sente que o tempo chegou
 E partiram sem mesmo pensar, nos perigos de
 profetizar, há um barco esquecido na praia
 Um barco esquecido na praia
 Um barco esquecido na praia...

(Padre Zezinho)

A maneira como este barco é simbolicamente concebido pode ser compreendido a luz do que diz Hoskinns (2005), onde em alguns contextos as pessoas parecem assumir atributos das coisas e as coisas parecem atuar quase como pessoas, sendo que alguns objetos estão tão intimamente associados com as pessoas a ponto de parecer inalienáveis. É o caso do barco da Galileia associado ao Jesus histórico e ao cristianismo. A autora diz que objetos têm uma vida social, como já foi dito anteriormente, e nessa trajetória, são sucessivamente movidos e recebem novos contextos (HOSKINNS, 2005: 74:75).

Bem no estilo literário de Wachsmann, em um diálogo com o seu objeto de estudo, ele ressalta que qualquer problema que surgisse durante a pesquisa, no final, o barco, como de costume sempre resolvia para a equipe de escavação. “Ele nos disse muito claramente que ela não tinha intenção de ser desmontado! Assim, segurava sua integridade física com as unhas. Literalmente!” (WACHSMANN, 2000: 199). O barco tinha vida própria! Tinha uma “Agencia e Biografia”.

O barco da Galileia pode ter sido de qualquer pescador da época, afinal, a atividade da pesca na região era intensa, mas, no entanto, após 1986, ano em que foi encontrado, foi-lhe atribuídas novas histórias e significados. Ele é um símbolo para o cristianismo, fazendo parte de um inconsciente, como proposto por Jung, que vai além do seu significado imediato e instantâneo (JUNG, 2008: 18, 19).

As histórias bíblicas dos evangelhos, desenvolvidas em torno do mar da Galileia, corroboram com isso. A figura de um barco qualquer está quase sempre presente. A viagem começa lá no livro de Mateus, capítulo 4. Ou pode ter começado pelo livro de Marcos, capítulo 1, ou Lucas, enfim, quando em um dia qualquer, o principal personagem

do cristianismo, anda pela beira da praia na Galileia, e de longe, observa um grupo de homens pescando e lavando as redes. Ele os chama: *seguem-me!* Imediatamente aqueles homens deixam seus barcos e o seguem. Será que foi neste momento que um barco qualquer da Galileia foi abandonado a beira mar?

Se barcos transportam ideias, objetos, pessoas e as almas de uma vida para outra (RICH, 2013:63), um barco qualquer da Galileia fez esse mesmo percurso. Um barco transportou o Jesus histórico, de um lado a outro pelo mar da Galileia e com ele, suas ideologias. Se ele representa a “vida” e a “água que sacia toda a sede”, um barco transportou “a vida” por todo o mar da Galileia. E mesmo que Bachelard afirme que não existe barqueiro da ventura (BACHELARD, 1998:81e 82), no cristianismo, o Jesus histórico assume esse papel de barqueiro da ventura, que conduz as almas em águas tranquilas e acalma tempestades. Um barco qualquer foi utilizado como um púlpito (Figura 22), para que o Jesus histórico ensinasse a multidão (Lucas 5: 1-4). E foi nesse contexto de pescaria e barcos que o cristianismo foi inspirado.



Figura 22: Imagem representativa do texto de Lucas, capítulo cinco . Imagem disponível em: <https://wol.jw.org> .

O cristianismo é cheio de metáforas e essas são utilizadas nas ideologias e linguagens (JUNG, 2008:18 e 19); sendo essas metáforas envolvidas com água e embarcações. A cultura é reproduzida historicamente nas práticas sociais e simbólicas. Para Diegues, um evento histórico é, portanto, uma relação entre um acontecimento e um sistema simbólico, passível de várias interpretações (DIEGUES 2007:17), o que por sua

vez ajuda a compreender as associações ritualísticas do cristianismo e ao Ambiente Aquático, já que este foi o cenário que foi inspirado.

Essa prática ritualística que envolve o Ambiente Aquático pode ser vista também no judaísmo do primeiro século, no que se refere à alimentação. Determinados tipos de peixes ou mariscos, por serem considerados imundos, não eram consumidos (Dt 14: 9,10). Na Galileia bíblica, os pescadores selecionavam os peixes a beira do lago, logo após a pescaria. Os comestíveis eram colocados em cestos e os inapropriados, lançados fora (Mt13: 48). Semelhante ritual pode ser visto na atualidade, precisamente no período da quaresma. Segundo a tradição cristã, seus seguidores são orientados a abstinência da carne vermelha, principalmente na Semana Santa. Seria uma forma de sacrifício e provável conexão com o sagrado, o que pode ser entendida como sendo a carne um alimento profano e o peixe sagrado.

Corbin relata o ritual de marinheiros que para acalmar tempestades em alto mar, jogam nas águas estátuas de “São Nicolau ou da Virgem Maria” (CORBIN, 1989: 18,19). Esse simbolismo assemelha-se a história relatada no Antigo Testamento, sobre Jonas, personagem bíblico. A história relata que,

E diziam cada um ao seu companheiro: Vinde, e lancemos sortes, para que saibamos por que causa nos sobreveio este mal. E lançaram sortes, e a sorte caiu sobre Jonas. Então lhe disseram: Declara-nos tu agora, por causa de quem nos sobreveio este mal. Que ocupação é a tua? Onde vens? Qual é a tua terra? E de que povo és tu? E ele lhes disse: Eu sou hebreu, e temo ao Senhor, o Deus do céu, que fez o mar e a terra seca. Então estes homens se encheram de grande temor, e disseram-lhe: Por que fizeste tu isto? Pois sabiam os homens que fugia da presença do Senhor, porque ele tinha declarado. E disseram-lhe: Que te faremos nós, para que o mar se nos acalme? Porque o mar ia se tornando cada vez mais tempestuoso. E ele lhes disse: Levantai-me, e lançai-me ao mar, e o mar se vos aquietará; porque eu sei que por minha causa vos sobreveio esta grande tempestade (Jonas 1:7).

Os Israelitas estavam familiarizados com barcos que se lançavam ao mar, e seus significados estavam além do exposto imediato, como pode ser visto nos livros de salmos onde na maioria das vezes, ressalta a providência divina e reconhecimento do livramento de Deus, como pode ser lido no salmo quando é dito que:

“Na sua aflição, clamaram ao Senhor, e ele os salvou da tribulação em que se encontravam. Ele enviou a sua palavra e os curou, e os livrou da morte. Que eles deem graças ao Senhor, por seu amor leal e por suas maravilhas em favor dos homens. Que eles ofereçam sacrifícios de ação de graças e anunciem as suas obras com cânticos de alegria. Fizeram-se ao mar em navios, para negócios na imensidão das águas, e viram as obras do Senhor, as suas maravilhas nas profundezas. Deus falou e provocou um vendaval que levantava as ondas. Subiam aos céus e desciam aos abismos; diante de tal perigo, perderam a coragem. Cambaleavam tontos como bêbados, e toda a sua habilidade foi inútil. Na sua aflição, clamaram ao Senhor, e ele os tirou da tribulação em que se encontravam. Reduziu a tempestade a uma brisa e serenou as ondas. As ondas sossegaram, eles se alegraram, e Deus os guiou ao porto almejado. Que eles deem graças ao Senhor por seu amor leal e por suas maravilhas em favor dos homens” (Salmos 107:19-31).

A maravilha de um navio que se lançava ao mar era comparada a própria vida (DOUGLAS, 2006:918). O barco neste sentido assume a metáfora da vida, o refúgio e livramento.

CAPÍTULO 3.2 - A MEIA NAU.

"O navio parecia aprisionado num círculo encantado, formado de paredes de folhagem, intransponíveis e impenetráveis, com um teto de cetim de além-mar e sem plano inferior — a quilha oscilando, com admirável simetria, sobre a de um barco fantástico que, tendo se virado de alto a baixo, teria flutuado junto com o verdadeiro barco, como para sustê-lo." ' Assim a água, por seus reflexos, duplica o mundo, duplica as coisas. Duplica também o sonhador, não simplesmente como uma vã imagem, mas envolvendo-o numa nova experiência onírica.

(Gaston Bachelard)

“Não é possível imaginar a história da humanidade sem os barcos, navios e os marinheiros!” Eloquente a afirmação lançada por Bass, na obra “Bajo los Siete Mares”, mas que, no entanto faz todo o sentido, pois “antes mesmo que existissem pastores e agricultores, existiam marinheiros” (BASS, 2006: 10). Rambelli (2006), de comum acordo, diz que a navegação está presente na vida cotidiana dos habitantes costeiros desde a pré-história, permitindo ao homem que percorresse grandes distâncias (RAMBELLI, 2006:31).

Segundo Bass praticamente tudo o que foi construído pela humanidade, em algum momento foi transportado por um barco e por esse motivo, não se pode estudar o passado, de forma coerente, sem compreender os meios de transportes marítimos. Embarcações contribuíram de alguma forma para construir o mundo da forma em que é conhecido atualmente (BASS, 2006:10).

O estudo de barcos fornece muito mais do que métodos de construção naval. Para Adams esses métodos representam a vanguarda tecnológica de uma sociedade, que podem distinguir suas motivações, necessidades e prioridades. A construção naval é uma atividade social complexa que envolve a organização, cooperação e investimentos a longo prazo (ADAMS, 2001:300 e 301).

Portanto, o estudo de uma embarcação pode revelar as necessidades marítimas e aspirações de uma sociedade, além da ideologia expressa na tradição em que é construída. Essa tradição naval, por sua vez, vai encarnar um sistema de ideias sobre embarcações,

desde como são construídos, até como são concebidos (ADAMS, 2001:300 e 301). Dessas tradições e técnicas de produção Diegues, (2004) diz que,

“Na concepção mítica das sociedades primitivas e tradicionais, existe uma simbiose entre o homem e a natureza, tanto no campo das atividades do fazer, das técnicas e da produção, quanto no campo simbólico. Essa unicidade é muito mais evidente nas sociedades indígenas brasileiras, por exemplo, em que o tempo para pescar, caçar e plantar é marcado por mitos ancestrais, aparecimento de constelações estelares no céu, por proibições e interdições” (DIEGUES, 2004: 63)

Para Rambelli uma embarcação permite uma leitura profunda que vai além do sentido prático de navegar. “Envolve um sentido ideológico, tanto para os que navegam, quanto para os que observam da praia ou de outro barco” (RAMBELLI, 2016: 140). Desta forma, o estudo do casco de uma embarcação, permite ao arqueólogo o conhecimento das técnicas de construção naval e da navegação através dos tempos. Consiste basicamente em um “achado fechado”, como é descrito por Rambelli, (2002), “protegido e com cronologia determinada e abundância de artefatos, na maioria das vezes” (RAMBELLI, 2002: 43).

Nesse sentido, o estudo sistemático de elementos dentro desse contexto, proporciona um contato direto com técnicas de construção naval, pois para o autor, cada embarcação é praticamente única, no que se refere ao gênero, concepção e natureza. “Embarcações naufragadas são como artefatos móveis, ao mesmo tempo em que são estruturas arqueológicas edificadas fixas. Quando impossibilitadas de serem removidas para dessa forma serem restauradas e conservadas em superfícies, são mantidos no local de origem, utilizadas como referências arquitetônicas” (RAMBELLI, 2002: 43).

Sítios arqueológicos de naufrágios são considerados os mais importantes a serem estudados pela Arqueologia Subaquática, pelo fato de possuírem uma enorme gama de informações. Esses sítios, mais do que qualquer outro tipo de sítio submerso, aparecem com mais frequência como símbolos da arqueologia sob a água. “São testemunhos materiais únicos de acidentes com embarcações e representam os restos de cultura material da milenar história universal dos naufrágios” (RAMBELLI, 2002: 40, 41).

Estes sítios de naufrágio representam um sistema complexo que envolve desigualdades, contradições e conflitos sociais. Uma embarcação pode ser entendida por várias perspectivas, segundo Rambelli, (2006), como por exemplo, “como um artefato

flutuante, uma expressão histórica dos fluxos de trocas, estrutura de poder, paisagem humana móvel, símbolo de identidades sócio-históricas e representação flutuante das relações sociais” (RAMBELLI, 2006: 98, 99).

Neste sentido, estudar o barco da Galileia fornece mais do que a técnica naval da época. Através de uma pesquisa arqueológica sistemática e de uma análise simbólica, é possível compreender a sociedade da época, juntamente com suas crenças, ideologias, conflitos sociais, desigualdades e contradições. A arqueologia de naufrágios proporciona essa integração com a arqueologia náutica, subaquática e marítima. Dessa forma ajuda a compor um patrimônio cultural subaquático e a produzir conhecimento arqueológico sobre eles, interagindo com as diferentes comunidades (RAMBELLI, 2006: 98, 99).

Adams, com um conceito semelhante, afirma que embarcações em si, compõem uma classe preliminar de provas e através da natureza perigosa do transporte de água, foi possível deixar um enorme banco de dados no que se refere a naufrágios, agravados por esses veículos aquáticos que foram abandonados ou ritualmente eliminados de várias maneiras (ADAMS, 2001:291, 292).

Não sabemos o que exatamente aconteceu com o barco da Galileia. Em que momento foi inutilizado, abandonado e o que teria acontecido com outros barcos do mesmo período da região. Eles podem estar enterrados na lama, submersos ou terem sido reutilizados para outros fins, já que, como afirma Crossan e Reed (2014), a madeira naquela época era escassa. Na falta de materiais adequados, os pescadores daquela época, trabalhavam duro para manter os barcos navegando, substituindo sempre que possível a madeira deteriorada (CROSSAN e REED, 2007:125).

Adams diz que assim como outros tipos de cultura material são descartados quando quebrado ou desgastado, embarcações passam pelo mesmo processo, por diversos fatores. Ele cita o caso de um dos conjuntos mais conhecidos deste tipo de abandono que foram os restos de aproximadamente vinte e cinco navios medievais encontrados no antigo porto medieval em Kalmar, na Suécia (Akerlund 1951 apud Adams, 2001: 294).

A maneira como navios antigos são eliminados revela muito sobre as atitudes sociais e os mecanismos em que faziam parte. Onde são abandonados? Quais equipamentos foram deixados neles? Para algumas sociedades barcos possuem alma e por esse motivo, são feitos rituais funerários antes do descarte final. No entanto, ainda assim,

podem ser metodicamente desmembrado, queimado ou intencionalmente afundado como parte de uma cerimônia de encerramento (ADAMS, 2001:294, 295). O fato é que como diz Bachelard, “a vida começa e termina na água” e essa é o túmulo tanto dos homens quanto do fogo (BACHELARD, 1998: 77, 98). De forma geral, os estaleiros são à beira d’água, da mesma forma que os abandonos dessas embarcações são feitas no mesmo local. Sendo assim, a vida de uma embarcação também começa e termina na água.

Até mesmo o fato de colocar um ente querido no caixão de madeira, remete ao simbolismo do “ataúde” proposto por Bachelard (1998), quando diz que “muito antes que os vivos se confiassem a eles próprios as águas, o ataúde foi colocado no mar. E assim, o ataúde, de forma mitológica, não seria a última barca, mas a primeira (BACHELARD, 1996:76). Os ataúdes são arquétipos de embarcações, preparando o morto para a única e verdadeira viagem: a morte!

Adams também ressalta que existem casos onde embarcações são repetidamente modificadas ao longo de suas vidas. Sendo assim, são progressivamente menos dignas do mar, de tal forma que os projetistas originais e construtores não poderiam ter previsto ou destinados. (ADAMS, 2001:294). Esse é o caso do barco da Galileia. No que se refere à construção naval, ele é uma colcha de retalhos, um monte de remendos provenientes de outros barcos, o que me faz pensar, quais seriam as histórias dos outros barcos. Mas me concentrado no barco da Galileia, apesar de todos esses remendos a quilha é de Cedro do Líbano, lembrando que esta madeira é reconhecida pelos carpinteiros navais por sua durabilidade para a navegação, mas também pelo valor simbólico a ela atribuído (CROSSAN, JONATHAN, 2007:125).



Figura 23: Barco da Galileia em exposição no museu do Kibutz de Ginosar. Imagem disponível em: <https://gloria.tv/>.

CONSIDERAÇÕES FINAIS - A POPA.

“É antes uma perspectiva de aprofundamento para o mundo e para nós mesmos. Permite-nos ficar distantes diante do mundo. Diante da água profunda, escolhes tua visão; podes ver à vontade o fundo imóvel ou a corrente, a margem ou o infinito; tens o direito ambíguo de ver e de não ver; tens o direito de viver com o barqueiro ou de viver com "uma nova raça de fadas laboriosas, dotadas de um bom gosto perfeito, magníficas e minuciosas". A fada das águas, guardiã da miragem, detém em sua mão todos os pássaros do céu. Uma poça contém um universo. Um instante de sonho contém uma alma inteira”.

(Gaston Bachelard)

Barcos não são apenas um meio de transporte aquático. Eles são verdadeiros oceanos de possibilidades, seja na forma física ou literária. Minuzzi (2014), ao analisar o significado de embarcações nos romances, percebeu que, mesmo na literatura, elas não são imagens estáveis. São símbolos múltiplos e ricos, que adquirem sentidos diferentes de acordo com o local e com o tempo. Segundo a autora, navegar significa criar e instaurar diferentes, realidades e atravessar a distancia que separa as dimensões da vida e da morte, do conhecido e do desconhecido, do real ou do literário (MINUZZI, 2014: 128, 130).

Adams, (2001) ressalta que estudar uma embarcação vai além da parte física. Inclui todo o perfil simbólico e como eles são percebidos, não apenas por seus construtores, proprietários e usuários, mas pela sociedade de forma geral, incluindo, naturalmente, os concorrentes para quem muitos dos aspectos externos da aparência podem ser projetados especificamente. São nos aspectos sociais da vida, em torno da produção e utilização de embarcações, que essas ideologias estão presentes (ADAMS, 2001: 304).

Os barcos são significativos para a compreender, os dias da vida do Jesus histórico pelo Mar da Galileia e isso parece ter um significado importante entre cristãos e judeus em todo o mundo. Wachsmann diz que em um sentido muito real, esse artesanato frágil trouxe a história de volta à vida (WACHSMANN, 2000: 380). Dessa forma o barco da Galileia carrega uma simbologia tanto para o judaísmo quanto para o cristianismo. Incorpora o sagrado e o mítico. É um o símbolo que apresenta uma linguagem, alcançando todos os membros da comunidade, exprimindo a condição social, histórica e psíquica de

quem usa esse símbolo. (ELIADE, 2008: 368). Na sociedade da Galileia, uma mistura cultural, o barco vai carregar significados diferentes, mas em todos eles, o mítico e o sagrado, estarão presentes, mesmo de forma indireta.

Certamente a sociedade do primeiro século não concebia barcos apenas como um meio de transporte, mas como um viagem ao desconhecido, um transporte ao pós vida e uma travessia. Para o judeu, o barco representava uma metáfora da vida e a prova do livramento e poder divino, pois Salomão já dizia em provérbios: "Há três coisas misteriosas demais para mim, quatro que não consigo entender, o caminho do abutre no céu, o caminho da serpente sobre a rocha, o caminho do navio em alto mar..." ([Provérbios 30:18,19](#)). Ele não entendia como uma embarcação e seus marinheiros sobreviviam aos perigos do mar, lembrando que esse "mar" era habitado por monstros apocalípticos.

No entanto, embarcações também podem representar a provisão divina, quando diz que "Os navios do negociante de longe trazem o seu pão" (Pv31:14). Ou ainda transportam a mensagem do Deus de Israel quando é mencionado que "Envia embaixadores por mar em navios de junco sobre as águas" (Is 18:2). Barcos também fazem parte das profecias do Oráculo quando é dito que: "Oráculo acerca de Tiro: Uivai navios de Társis, porque ela está desolada a ponto de não haver nela casa, nem abrigo, desde a terra de Quintim lhes foi isso revelado" (Isaía 23:1). Quando o texto menciona "Uivai navios de Társis" é como se embarcações incorporassem uma divindade, com sentimentos próprios. Mais uma vez o conceito de Hoskins, pessoas que parecem assumir atributos das coisas e as coisas atuam quase como pessoas.

O barco da Galileia desperta o imaginário religioso, conduzindo a metáfora da vida. Ele transcende o objeto, trazendo mais uma vez o complexo do Caronte. No entanto, ele é a "barca da ventura" ao mesmo tempo que é a "barca da morte", pois ambos têm o propósito de conduzir as almas até o destino final, ao pós-vida, pelo caminho das águas. Ele é o arquétipo que representa o mergulho ao inconsciente, a travessia e a viagem ao desconhecido, inspirando músicas e poemas de cunho religioso.

Embarcações formam um todo como as almas e dessa forma, também regressam como os navios fantasmas das lendas Bretãs (BACHELARD, 1998). O barco da Galileia passou por este retorno, pois "... parecia aprisionado num círculo encantado, formado de paredes de folhagem, intransponíveis e impenetráveis, com um teto de cetim de além-mar e sem plano inferior" (Bachelard, 1998:51). Mas ele voltou, "quase inteiro, segurando sua integridade literalmente com as unhas", interagindo com seu pesquisador.

Se os objetos fazem parte do corpo e a relação muda segundo o contexto em que ele está inserido (TILLEY, 2014), o barco em cada sociedade que se fixou às margens da Galileia, absorveu um contexto e simbolismo diferente. E o curioso é que mesmo depois de séculos, cada sociedade interage com ele de forma diferente: para o judeu, um representativo do seu tempo; para o cristão, um objeto que o Jesus histórico pode ter utilizado e para o cientista, um representativo único da tradição náutica da época.

Em termos de construção náutica, o barco da Galileia como já mencionado, mostrou uma técnica diferenciada, uma tradição específica daquela região. O modelo do "*Shell-first*" foi uma técnica utilizada por todo Mediterrâneo, mas a forma de juntar as tábuas entre si no sistema de entalhe-mecha-cavilha e os remendos feitos nas madeiras recicladas é incomum, o que só foi possível compreender com um estudo sistemático da embarcação. Mas o fato é que a madeira reciclada e minuciosamente aproveitada mostra a habilidade náutica da época e a escassez da madeira, mas também representa a necessidade e perseverança de manter a embarcação navegando.

Mais uma vez, no estilo literário de Wachsmamm, o barco mostrou sua integridade, pois apesar dos remendos, ele foi forte o suficiente para continuar navegando, pois já dizia Bachelard: "a quilha oscilando, com admirável simetria, sobre a de um barco fantástico que, tendo se virado de alto a baixo, teria flutuado junto com o verdadeiro barco, como para sustê-lo." (Bachelard, 1998:51). A construção náutica dessa embarcação atestou para um construtor experiente e determinado. No entanto, o fato da quilha ser de Cedro do Líbano, pode ser um indicativo de religiosidade e claro também pela funcionalidade. Mas não podemos desconsiderar que a principal peça do barco é uma madeira dedicada ao sagrado, como se o barco fosse consagrado à navegação, batizado, permitindo que este exercesse sua função na materialidade e imaterialidade.

Vale lembrar que o Jesus histórico foi um carpinteiro por tradição, pois é dito que: "Não é este o filho do carpinteiro? E não se chama sua mãe Maria e seus irmãos Tiago,

José, Simeão e Judas? (Mateus 13:55) e “Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, de José, de Judas e de Simeão?” (Marcos 6:3). Ele pode ter sido um carpinteiro náutico ou pelo menos conhecia essas técnicas de construção.

Bachelard diz que a morte é a primeira e verdadeira viagem. Não sabemos quem era o proprietário deste barco da Galileia, nem se algum dia transportou o Jesus histórico. Mas talvez esta tenha sido sua primeira e verdadeira viagem: a de “morrer” e “ressurgir” trazendo consigo informações arqueológicas e simbólicas. Neste sentido, ele mais uma vez exerceu o papel de conduzir leitores, pesquisadores, religiosos ou simplesmente curiosos, ao conhecimento profundo que vai além da parte física. Não foi uma travessia fácil, porém, fascinante!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, Jonathan, “Ships and boats as archaeological source material” JSTOR, 2001.

ALMEIDA, Jane Viana, “*O Barco da Galileia: Uma reflexão sobre a Arqueologia bíblica no ambiente aquático*”, Monografia de Graduação em Arqueologia- Universidade Federal de Sergipe, 2014.

ALVES, Francisco. “Genealogia e arqueologia dos navios portugueses nos alvares do mundo moderno. In: Nossa Senhora dos Mártires - a última viagem”. Lisboa Ed Verbo, 1998.

BACHELARD, Gaston. “A água e os sonhos”. São Paulo, Martins Fontes, São Paulo-SP 1998.

_____, “A poética do devaneio” São Paulo, Martins Fontes, São Paulo-SP

BASS, George F. “Bajo los siete mares”. Barcelona, Editora Blume, 2006.

BÍBLIA DE ESTUDO ARQUEOLÓGICA – Nova Versão Internacional, Editora Vida, São Paulo- SP, 2013.

BORDIEU, Pierre. “O poder do Símbolo”, Editora Bertrand, Rio de Janeiro-RJ, 2002.

CORBIN, Alain, “O território Vazio – a praia e o imaginário ocidental”, tradução Paulo Neves, Editora Companhia das Letras, São Paulo-SP, 1989

CROSSAN, John Dominic & REED, Jonathan – “Em Busca de Jesus: debaixo das pedras, atrás dos textos”, Editora Paulinas, São Paulo-SP, 2007.

DIEGUES, Antonio Carlos, “Água e Cultura nas populações tradicionais brasileiras” – Encontro da Governança das águas, São Paulo, 2007

_____, “O mito da natureza intocável” – Editora Hucitec, São Paulo, 2004.

_____, “Povos e Mares, uma retrospectiva de sócio antropologia marítima” – CEMAR, São Paulo, 1993.

DOUGLAS, J. D. “O Novo Dicionário da Bíblia”, editora Vida Nova. São Paulo, SP, 2006.

DURAND, Gilbert- “*As estruturas antropológicas do imaginário*”. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

_____, “A imaginação simbólica”, Editora da USP. São Paulo-SP, 1988

_____, “Ilhas e Mares, simbolismo e imaginário” – NUPAUB-USP-1998.

ELIADE, Micea, “Imagens e Símbolos – ensaios sobre simbolismo mágico religioso”. 2º Edição, Martins Fontes, São Paulo-SP, 2002.

_____, “Tratado de História das Religiões”. São Paulo, Martins Fontes, 2008.

_____. “História das Crenças e das ideias religiosas”. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1979.

FONSECA, Luis Adão, “*O Imaginário dos Navegantes Portugueses dos séculos XV e XVI*” – Estudos Avançados, 1992.

FREYNE, Sean, “*Jesus, um judeu da Galileia, nova leitura da história de Jesus*”, Editora Paulus, São Paulo, 2008.

FUNARI, Pedro Paulo, “*As religiões que o mundo esqueceu*”, Editora Contexto, São Paulo-SP, 2009.

GEETZ, Clifford. “A interpretação das culturas”, Editora Zahar, Rio de Janeiro – RJ, 1978.

HORSLEY, Richard A. “Arqueologia, história e sociedade na Galileia, o contexto social de Jesus e dos Rabis”. Editora Paulus, São Paulo, 2000.

HOSKINS, Janet, “*Agency, Biography and Objects*” – Artigo, 2005

JUNG, Carl G., “*Os arqueotipos e o inconsciente coletivo*”, Editora Vozes, Petrópolis-RJ, 2008

_____, “O Homem e seus Símbolos”, 2 Edição, tradução de Maria Lúcia Pinho, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro-RJ, 2008

LANGER, Johnni, “Erfi, as práticas funerárias na Escandilávia Viking e suas representações”, UNICS, Centro Universitário Sudoeste Paranaense, 2005

McDOWELL, Josh & STEWART, Don, “*Entendendo as religiões não cristãs*”. Tradução de João Marques Bentes, São Paulo-SP, Editora Candeia, 1996.

MINUZZI, Laura Pinto, “*Mia Couto e a Simbologia de Embarcações Aquáticas: Navegar é mais do que preciso, é sonhável*” – Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras. PUC, Porto Alegre, RS, 2014.

OUZMAN, Sven, “Seeing Is Deceiving: Rock Art and the Non-Visual” – World Archaeology, Vol 33, N 2, Archaeology and Aesthetics, Oct 2001 J Stor

PIAZZA, Waldomiro O. “*Religiões da Humanidade*”. Edições Loyola, São Paulo – SP, 3ª Edição, 1996.

PINTO, Marilina C. O. B. Serra, “A amazônia e o imaginário das águas”- Trabalho apresentado na mesa redonda do encontro da Sociedade Brasileira de Sociologia, 2008.

POMEY, P. & RIETH, E. “*L’archéologie navale*”. Paris, Editions Errance, 2005.

RAMBELLI, Gilson. “*Arqueologia até debaixo d’água*”. Maranta, São Paulo, 2002.

“Arqueologia de naufrágios e a proposta de estudo de um navio negreiro”, Revista da história da arte e arqueologia, Volume 6, 2006.

“*Arqueologia subaquática em Cananéia*”, Curitiba, editora Prisma, 2016.

RICH, Sara A., “Ship Timber as Symbol? Dendro-provenancing e contextualizing ancient cedar ship remains from the Eastern Mediterranean, near East” – Dissertation phd, Cornell University, 2013.

SILVA, Rodrigo. “A Arqueologia e Jesus, uma abordagem histórico-científica da Vida e obra de Jesus de Nazaré”. Editora Paradigma, Artur Nogueira-SP, 2007.

TILLEY, Chris, “*Do corpo a Paisagem, uma perspectiva fenomenológica*”- Revista Vestígios, Vol 8, 2014

WACHSMANN, Shelley, “The Sea of Gallilee Boat”- 2 Edição, Texas A&M University Press, 2000.